



Literatura e imagens persas no Livro dos Reis

João Francisco Diel de Sousa
Professor Doutor Milton José de Almeida
orientador

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO
Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

So89L Sousa, João Francisco Diel de.
Literatura e imagens persas no Livro dos Reis / João
Francisco Diel de Sousa. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Milton José de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura persa. 2. Traduções. 3. Imaginação. 4.
Imagens – Interpretação. I. Almeida, Milton José de. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

11-161/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês Literature and persian images in the Book of Kings

Palavras-chave em inglês:

Persian literature

Translations

Imagination

Images - Interpretation

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Milton José de Almeida (Orientador)

Acir Dias da Silva

Adilson Nascimento de Jesus

Júlia Ziviani Vitiello

Carmen Lúcia Soares

Data da defesa: 22-06-2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: joaodiel@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: Literatura e imagens persas no Livro dos Reis

Autor: João Francisco Diel de Sousa
Orientador: Milton José de Almeida

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por João Francisco Diel de Sousa e aprovada pela Comissão Julgadora.

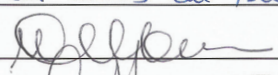
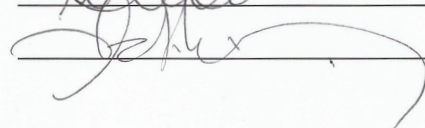
Data: 22/06/2011

Assinatura:.....



Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Am. Luís da Silva



Literatura e imagens persas no
Livro dos Reis

João Francisco Diel de Sousa

Redação final apresentada à banca examinadora como exigência
para conclusão do Mestrado em Educação.

Professor Doutor Milton José de Almeida
orientador

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO
Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

à minha bisavó, Verônica, pelos
anjos.

à minha avó, Helena, para que se
lembre de tudo.

à minha mãe, Maria do Céu, para
que encontre o atlas do invisível.

à minha irmã, Marina, para que
floresça no jardim de hoje.

ao Americo, para que faça do
mundo o ornamento dos deuses.

a Mãe Dango, Mãe Luasanji, Mãe
Mikauzelê, Mãe Kayan

ao Milton

e ao leitor paciente.

Resumo

Tradução e comentário do Livro dos Reis, Shahnameh, de Ferdowsi, seguido de comentários sobre interpretação, imaginação e estudo de imagens, permeados por anotações sobre gnose, sobre mística persa e sobre tradução.

Palavras-Chave

Livro dos Reis, Shahnameh, Tradução, Imaginação, Interpretação

Abstract

Translation and commentary of the Book of Kings, Shahnameh, by Ferdowsy, followed by commentaries about interpretation, imagination and the study of images, permeated by notes about gnosis, persian mystique and about translation.

Keywords

Book of Kings, Shahnameh, Translation, Imagination, Interpretation

índice

O Livro dos Reis	01
I	85
II	91
III	102
IV	109
V	117
O	119

O Livro dos Reis

Sobre a Criação

E a natureza da Criação

Em nome de Deus o Misericordioso, o Piedoso.

O pensamento não pode ser lançado sobre algo mais sublime do que ao Senhor do conhecimento e da mente. Ele é o senhor de tudo o que é nomeado ou que tem o seu lugar, é ele quem mantém tudo e que nos guia. Senhor de Saturno e do céu revoltado, que faz brilhar Vênus, Sol e Lua! Que está acima da concepção, do nome, do signo, artista da joalheria dos céus! Você não pode vê-lo com os olhos e nem com o esforço, e até mesmo o pensamento tentará em vão alcançar o Um acima de todos os nomes e lugares, já que a mente e a sabedoria não conseguem ultrapassar aquilo que não é elemento nosso, pois operam em matérias que os sentidos tornam simples. Nenhum sentido pode louvar a Deus como ele é. Observe isto com atenção: isto é cercar-se para servir. Ele pesou a mente e a sabedoria; poderia Ele ser en-

compassado por um pensamento que Ele determinou? Pode Ele ser louvado por tal maquinário da maneira que Ele é, com a ajuda da mente, ou alma, ou da razão?

Declare sua fé em Seu ser e não afirme mais nada. Adore-O e todos os outros caminhos ignore, observando seus comandos. A sua fonte de poder é o Conhecimento: assim, corações velhos se tornam jovens novamente. As coisas acima do Véu ultrapassam em altura todas as palavras: a essência de Deus está além de nossa compreensão.

Discurso em Elogio à Sabedoria

Diga, sábio, o elogio da sabedoria e contente assim os corações daqueles que são todo ouvidos para sua voz! Que o melhor presente que Deus lhe deu enalteça o valor da sabedoria, que irá lhe confortar e guiar. Ela irá lhe conduzir pela mão no céu e na terra. A alegria e a tristeza, o

ganho e a perda, têm sua origem ali. Quando ela é eclipsada, os sábios não conhecem mais nenhum momento de alegria.

O homem de conhecimento, sábio e virtuoso, a fim de que os sábios não procurassem em suas palavras por frutas em vão, disse:

- “Qualquer homem que afastar com vaías o discurso da sabedoria irá fazer seu próprio coração sangrar; os prudentes falam dele como se ele fosse um possuído, e seus pares protestam, dizendo: ‘ele não é um de nós’”

Nos dois mundos a sabedoria lhe foi recomendada quando algemas estão nos calcanhares dos loucos. Ela é o olho da mente; se você não vê, então a sua jornada neste mundo será triste.

Ela foi a primeira a ser criada, e ainda preside sobre a mente e a faculdade de louvar — louvação oferecida pela língua, ouvido e olho. Para todas as causas ela pode ser de bem ou mal.

Quem ousaria louvar tanto a razão quanto a sabedoria? E se eu me aventurasse, quem me ouviria?

Daqui em diante, ó homem de sabedoria!, você não pode causar nenhum bem por palavras. Prosiga, declare o processo da Criação!

Deus lhe criou para conhecer a aparência e a realidade. Deixe a sabedoria ser seu ministro! Deixe a sabedoria desviar sua mente de tudo o que o auto-respeito deveria evitar! Aprenda pelas palavras dos sábios como caminhar por seu caminho, andar pela terra, falar com todas as pessoas! E quando você ouvir qualquer homem de sabedoria discursar, não durma, mas aumente seu armazém de sabedoria. Perceba, enquanto olha para os galhos do discurso, o quanto das raízes dele estão fora de alcance.

Sobre a criação do mundo

A primeira coisa que você precisa saber é a soma dos ele-

mentos primordiais que Ele, que fez todas as coisas, criou do nada para mostrar a grandeza de sua própria supremacia.

Esses elementos são quádruplos. Em seu nascimento, nenhum tempo passou e não houve trabalho.

O fogo brilhou acima. No meio havia o ar e a água; abaixo estava a terra escura. Fogo foi o primeiro que desdobrou suas virtudes. Ao seu redor a umidade findou e a seca chegou. Então, onde o fogo falhava abria caminho para o frio. E a umidade seguia o frio. Desta maneira a moldura de nossa Hospedaria à Beira de Estrada foi feita.

Quando estes quatro elementos primordiais se combinaram, eles se fundiram, cada um sobre os outros, até que todo tipo de produtos foi criado conforme vemos.

A abóboda celeste mostrou sua face, exibindo novas maravilhas

dia a dia. Os Sete Planetas então começaram seu balanço naquelas Doze Casas; cada um tomou seu lugar, anunciando o bem e o mal, e dando justo retorno para todos que tivessem a habilidade de ler. Os céus, acorrentando esfera a esfera, moviam-se enquanto seus feitos vinham à completude. Então esta terra, esta montanha, o deserto, lago e as terras altas brilharam como se fossem uma lamparina em chamas.

As montanhas se elevaram, os riachos jorraram enquanto da terra as ervas começaram a brotar. Não estava concedido um soberbo lugar à nossa terra. Obscuridade e trevas prevaleciam por toda parte, mas as estrelas mostravam suas maravilhas lá em cima.

A luz cresceu cada vez mais abundante no chão. Então, o fogo elevou-se e a água afundou, o sol começou a girar ao redor do mundo. A pastagem e vários tipos de árvores cresceram como a sorte.

As plantas não têm nenhuma faculdade a não ser o crescimento. Fixas, elas eram presas de todos os animais que passavam, enquanto eles, os andarilhos, procuram segurança, nutrição e descanso. Com tal vida eles ficam contentes.

Com faculdades indolentes e línguas que nunca falavam, eles passavam sobre os arbustos e os matagais, não reconhecendo nenhum fim como certo ou errado. Deles não era requerido oferecer reverência para Ele quem, tendo sabedoria, justiça e poder, não havia negado nenhuma excelência.

Sobre a natureza do homem

Um homem distante chega a vista. Cadeados foram feitos; ele era a chave de cada um.

Com a cabeça ereta, alto como um cipreste, submisso à sabedoria e provido de fala, possuía o conhecimento, sabedoria e

raciocínio. Assim, ele governou sobre outras criaturas como seu rei.

Observe por um instante com a sabedoria por seu guia: “Homem” implica uma natureza e apenas uma?

Você sabe que isso pode ser apenas o lado mais fraco do homem mortal, onde nenhum traço é mostrado de algo além, e os dois mundos concordam — uma poderosa parceria — para supri-lo.

Você é natureza primeiro e por último ordem. Não se contenha levemente. Eu sei que homens perspicazes falam o contrário, mas quem irá pensar nos segredos que pertencem apenas a Deus?

Olhe sempre para o fim, sempre aja corretamente e trabalhe, uma vez que a indolência e a sabedoria nunca concordam. Se você gostaria de fugir à calamidade, se liberte da rede de miséria nos dois mundos e à vista de

Deus será um homem correto.

Então para aquele domo girando, causador de angústia e alívio, rapidamente dirija seu olhar. Esse domo não corroído pelo passar dos dias e imune à nossa alegria ou pesar. Ele não ficou para descansar mas tornou-se imóvel, não perecendo como nós, mas sim incólume. Ali tanto o termo e o processo estão à mostra, ali são revelados para você tanto o bem quanto o mal.

Sobre a Natureza do Sol

Seu domo azul é de rubi, não de ar ou água, poeira e fumaça; com lanternas e tochas ordenadas em muitos pontos como jardins para o festival do Ano Novo.

Veja dentro do domo uma jóia agradável girando! Deste lugar a luz do dia se espalha e toda manhã é como um escudo de ouro. A jóia ergueu do Leste sua cabeça brilhante. A terra está coberta de túnicas de luz que se espalham.

O sol declinou e então veio a noite. O dia nunca passou a noite, nem a noite, o dia.

Muito regular em todos os seus movimentos, oh, meu Sol! Não há para mim um raio?

Sobre a natureza da Lua

Apesar da noite ser escura, há uma luz assegurada. Veja que seu uso não é desmerecedor.

Dois dias e noites suas características estão obscuras, verdadeiramente cansada por girar. Neste instante, ela é vista novamente, pálida, magra e de costas, como uma pessoa que é assolada pelas angústias do amor. Se, de longe, o observador consegue um vislumbre disso, isso rapidamente se perde à vista. Mas, na manhã seguinte ela aparece mais e provê sobre você uma luz maior.

Em quatorze dias ela se enche inteira e brilhante. Em quatorze dias, diminuía até que seu curso esteja corrido, diminuindo con-

forme noite sucede noite e chegando mais próxima do sol resplandecente.

Tal é a natureza dada por decreto de Deus e será assim enquanto a lua existir.

O que o poeta persa diz sobre o primeiro homem a procurar a coroa da soberania sobre o mundo? Não há quem tenha conhecimento sobre estes dias a não ser que tenha ouvido histórias passando de pai para filho. É isso que aqueles contos dizem: O primeiro homem a se tornar rei e a estabelecer cerimônias ligadas à coroa e ao trono foi Kayumars. Quando ele se torna senhor do mundo, ele vai viver primeiro nas montanhas, onde estabelece seu trono. Ele e seu povo se vestiam com a pele de leopardos. É ele quem ensina aos homens a preparação dos alimentos e das roupas, que naquele tempo eram coisas novas. Sentado em seu trono, esplêndido como o sol, ele reina por trinta anos. Ele é como um cipreste alto com a lua cheia sobre si, e o farr real emana dele. Todos os animais do mundo, tanto os selvagens quanto os domados, o admiram com reverência, curvando-se frente ao seu trono. A obediência deles aumenta sua glória e sua boa sorte.

Ele tem um belo filho que é



sábio e, como seu pai, ávido por fama. Seu nome é Siamak. Kayumars o ama com todo seu coração. Ver seu filho é uma das coisas que o faz feliz. Seu amor pelo garoto o faz chorar quando pensa em ser separado dele.

Siamak cresce, se tornando um homem jovem e elegante. Ele não tem inimigos, exceto Ahriman, que tem inveja de seu esplendor e procura maneiras de humilhá-lo. Ahriman tem um filho que é como um lobo selvagem; este jovem destemido reuniu um exército, espalhou discórdia pelo mundo e preparou-se para atacar o rei.

Kayumars não sabe sobre essas conspirações. Então, o anjo Soroush aparece diante de Siamak sob a forma de um ser mágico enrolado em pele de leopardo e revela para ele os planos contra seu pai. O coração do príncipe se enfurece e então ele reúne uma tropa. O príncipe se veste para a guerra com a pele de um leopardo, já que não havia armadura naquela época. As tropas se

encontram e Siamak se lança à frente do ataque, mas o demônio negro afunda suas garras no corpo desprotegido do príncipe e o atira no chão, deixando o povo sem líder.

Quando o rei descobre a morte de seu filho, seu mundo se escurece de pesar. Ele desce do trono em agonia, chorando, batendo na cabeça e arranhando a pele. Seu rosto está untado de sangue, seu coração em luto e seus dias se enchem de tristezas. A tropa se apresenta ao rei e um gemido de sofrimento sobe de suas colunas. Todos vestem azul em sinal de luto e todos os animais, tanto os domésticos quanto os selvagens e os pássaros do ar se reúnem, choram e se lamentam e chegam às montanhas. A poeira levantada pela multidão de lamentosos paira sobre a corte do rei.

Ficam de luto por um ano, até que o glorioso Soroush traz uma mensagem de deus, que diz:

- Kayumars, não chore mais,

recobre sua sanidade. Reúna uma tropa e lute contra este demônio!

O rei vira sua face em lágrimas em direção aos céus e pede ao bom deus que o mal atinja aqueles que pensam o mal. Se prepara para vingar a morte de Siamak e não dorme de noite nem pára para comer de dia.

O grande Siamak tem um filho, Hushang, que é o conselheiro de seu avô. Esse jovem esplêndido é feito de inteligência e boas maneiras. Kayumars, com muito amor, o criou como seu próprio filho, porque Hushang o lembra Siamak e ele não tem olhos para mais ninguém. Agora que o coração está voltado para a guerra e vingança, ele chama Hushang e revela para ele seus planos e segredos. Ele diz:

- Eu vou reunir uma tropa e fazer surgir um grito de lamento entre os demônios. Você deve comandar estes guerreiros, uma vez que meus dias estão contados e você deverá ser o novo líder.

Então, ele reúne fadas, leopardos e leões, lobos selvagens e tigres destemidos, pássaros e animais domésticos e esta tropa é comandada pelo corajoso príncipe. Kayumars vem atrás da tropa, e Hushang à frente. O demônio negro ataca sem medo e a poeira de suas forças sobe aos céus, mas a fúria do rei e a magnificência dos animais selvagens tornam as garras dos demônios inofensivas. Assim que os dois grupos se encontram, os demônios são derrotados pelos animais. Como um leão, Hushang captura o demônio negro, partindo seu corpo em dois e arrancando sua cabeça monstruosa. Ele o deita na poeira e retira sua pele.

Logo que Kayumars alcança sua vingança, seus dias chegam ao fim e o mundo é privado de sua glória.

Hushang, o justo e prudente, é agora o mestre do mundo. Ele coloca a coroa sobre sua cabeça e governa no lugar de seu avô. Ele reina por quarenta anos. Sua mente está repleta de sabedoria



سیاکت خسته یکی پور وشت
نیار و زید و در و رابیه
چو بناد و دل کیست و جنگ را
کرم لشکری که خواهم می
پری پکن انجمن کوشیه
سحب بر کین کند آوری
پیش پش لشکر گویر شاه

کر و دنیا جانی پست وشت
بست نیا یا و کار پدر
بخواند آن کرانیا بهشت کند
خروشی با و در خواهم می
بیر و پیش اندرون سپا

کرانیا را نامم شمشک بود
نیایش جانی سپه داشتی
مکفت نیها بد و کجفت
ترا بود با بد می پیش و
بیاید سید و با تر و باک

نوک می نم و شمشک بود
جبه او بر کجی شمشک شتی
مهر از بار کشت و از منت
کرم و منت خنی نام تو سالار نو
سپهانی و دو دام مرغ و پری
همی جهان پر کشت خاک

حسن و حسن و حسن و حسن

ز سر ای درندگان تنگ و یو
شد وشت و از پیش کیمیان

e seu coração, de justiça. Sentado no trono real ele diz: “Deste trono eu governo sobre os sete climas, e em toda parte minhas ordens são obedecidas.” Consciente da vontade divina, ele dedicou-se a estabelecer a justiça. Ele ajuda o mundo a florescer e cobriu a face da terra com seu governo virtuoso.

Um dia, o rei está cavalgando em direção às montanhas com um grupo de companheiros quando algo longo e negro aparece de repente. Seus dois olhos são como vasos de sangue em sua cabeça e fumaça surge de sua boca, escurecendo o mundo. Hushang pondera atentamente e então agarra uma pedra e a atira com toda sua real força contra a besta; a besta desvia rapidamente, a pedra atinge o solo pedregoso e se parte. Da colisão entre as pedras voa uma faísca, e o coração da pedra brilha com fogo. A serpente não foi morta, mas a natureza ígnea da pederneira foi descoberta. Assim, quando alguém a acertava com ferro, faíscas brilhavam. Hushang agra-

dece a deus pelo dom do fogo e a partir daquele tempo os homens rezam em direção às chamas. Quando a noite chega, Hushang e seus companheiros fazem uma montanha de fogo e dão a volta nela. Há um banquete naquela noite e bebem vinho. Esse banquete é chamado de “Sadeh” e é o legado de Hushang para nós.

Hushang tem um filho muito inteligente, chamado Tahmures, o Aprisionador de Demônios. Ele senta no trono de seu pai e jura preservar os hábitos que seu pai instituiu. Assim, ele chama seus conselheiros e fala livremente com eles, dizendo: “Hoje o trono e a coroa, o tesouro e as tropas são meus; com minha sabedoria eu irei limpar o mundo do mal. Eu irei restringir o poder dos demônios por toda parte e farei de mim o senhor do mundo. Tudo o que for útil no mundo eu irei revelar e tornar disponível para a humanidade.

Ele então tosquia cabras e ovelhas e tece sua lã em fibras, das quais ele cria roupas; ele também

ensina aos homens como tecer tapetes. Ele faz com que os rebanhos se alimentem de grama, palha e cevada, e entre os animais selvagens ele retira o lince e o leopardo e os traz para as montanhas e planícies, confinando-os e os treinando como caçadores. Ele escolhe os falcões e abutres, e também as galinhas e galos, que cantam ao amanhecer, e mostra aos homens como domar esses pássaros, tratando-os bem e falando com eles gentilmente. Ele revela as virtudes secretas das coisas e o mundo fica surpreso com suas inovações. Por fim, ele diz que os homens devem louvar a deus, que dera a soberania sobre os animais da Terra.

Shahrasb é um vizir de Tahmures, um homem cujos pensamentos evitam o mal e que é elogiado por todos. Jejua de dia e reza de noite, ele é a estrela da sorte do rei, e as almas dos malignos estão sob seu controle. O vizir deseja que o reinado seja justo, e então guia o seu soberano pelos caminhos justos. Tahmures, assim, vive purificado de todo o mal e

o farr divino emana dele. O rei aprisiona Ahriman com magias e faz dele sua montaria, com a qual viaja ao redor do mundo. Quando os demônios vêem isso, eles se reúnem em grupos e murmuram contra ele, dizendo que a coroa e o farr não pertenciam mais a ele. Tahmures descobre sua sedição e os ataca, destruindo sua rebelião. Ele se coroa com a glória de deus e levanta sua maça pesada sobre os ombros, pronto para a batalha.

Todos os demônios e feiticeiros se reúnem em uma grande tropa, com o demônio negro como seu líder. Seus gritos sobem aos céus. Mas Tahmures os enfrenta de repente e assim a guerra não dura muito: dois terços dos demônios ele domina com magias e o outro terço com sua maça. Ele os arrasta feridos sobre a poeira. Então, eles imploram, dizendo: “Não nos mate! Nós podemos ensinar a você algo novo e altamente lucrativo.” O rei, então, dá a liberdade a eles com a condição que eles revelem seus segredos para ele. Quando se libertam das correntes, não

têm outra opção a não ser obedecê-lo. Eles ensinam ao rei como escrever. O coração do rei brilha como o sol com esse conhecimento. Eles não ensinam apenas um alfabeto, mas quase trinta, incluindo as maneiras Ocidental, Árabe e Persa e também a Sogdiana, Chinesa e Pálavi. Eles ensinam como as letras são formadas e pronunciadas. Por trinta anos o rei realiza essas e outras ações memoráveis; e então seus dias chegam ao fim e ele parte. A memória de suas lutas são seu memorial.

Todos entram em luto quando o Aprisionador de Demônios morre. Entretanto, seu esplêndido filho, Jamshid, com o coração pleno dos ensinamentos de seu pai, prepara-se para reinar. Ele senta no trono de seu pai vestindo uma coroa dourada de acordo com a tradição real. O farr imperial é dele. O mundo se submete a ele; as disputas são postas de lado e todos os demônios, pássaros e fadas obedecem aos comandos de Jamshid. O trono brilha com resplendor e a riqueza do

mundo aumenta. Ele diz: “A glória de Deus está comigo; eu sou tanto príncipe como clérigo. Eu mantenho os malfeitores longe de seu mal, e eu guio as almas em direção à luz.”

Primeiramente, ele volta sua atenção às armas da guerra e assim abre os caminhos da glória para seus guerreiros. Seu farr amacia o ouro e sua mente hábil ensina aos homens como criar capacetes, cotas de malha, couraças para homens e cavalos e espadas. Com isso ele gasta cinqüenta anos, abrindo lojas de armas. Por outros cinqüenta anos ele dedica sua mente a criar roupas tanto para os banquetes como para as batalhas, usando linho, seda e lã, criando forros e brocados delicados para as roupas. Ele ensina as artes de fiar e tecer, tingir e costurar. O mundo se alegra sob seu reinado, e ele também.

Ele, então, gasta mais cinqüenta anos reunindo homens de várias profissões ao seu redor. Ele separa aqueles cuja tarefa era rezar e louvar e os estabeleceu nas

montanhas. Depois, ele elegeu homens que carregariam lanças, os guerreiros-leões que darão esplendor ao reino e às tropas e que são aqueles que mantêm o trono e trazem a boa reputação. O terceiro grupo é o dos que trabalham no campo, semeando e colhendo e não recebendo o agradecimento de ninguém, mas que nunca são ignorados quando é a hora de comer. Eles são homens livres, não brigam com ninguém e o mundo floresce pelo seu trabalho. Como uma vez disse um sábio, “É apenas a preguiça que transforma um homem livre em escravo”. O quarto grupo é o de homens que trabalham com suas mãos em diversos artesanatos e negócios; eles são pessoas obstinadas e seus corações estão sempre cheios de ansiedade. Jamshid gasta cinquenta anos organizando estes assuntos e assim cada homem se torna consciente de sua tarefa e sabe seu próprio valor e lugar.

Depois, ele ordena que os demônios misturem argila com água e coloquem a mistura em

formas para tijolos. Ele faz as fundações com pedra e argamassa; então, usando a ciência da geometria, ele cria a estrutura superior. Extrai jóias brilhantes e metais preciosos das pedras e assim ele se apossa de rubis, âmbar, ouro e prata. Ele usa a mágica para descobrir como isso poderia ser feito. Ele introduz o uso de perfumes como benjoim, cânfora, almíscar, sândalo, âmbar cinza e água de rosas e descobre a cura para doenças, mostrando aos homens como viver em boa saúde. Ele revela todos esses segredos. O mundo nunca havia conhecido um investigador de seus mistérios como ele é. Por fim, ele vira sua atenção para a água e embarcações e assim ele consegue viajar rapidamente de lugar para lugar. Outros cinquenta anos passam sob esse trabalho. Nada permanece escondido de sua sabedoria.

Apesar de Jamshid ter alcançado todas essas coisas, ele deseja se elevar ainda mais. Com seu farr real, ele constrói um trono cravejado de gemas e faz com

que os demônios o elevem acima da terra em direção aos céus; lá ele senta em seu trono como o Sol no céu. As criaturas do mundo se reúnem, maravilhadas e o cobriram de pedras preciosas, chamando esse dia de Novo Dia, ou No-Ruz. Esse é o primeiro dia do mês de Farvadin, no começo do ano, quando Jamshid descansa de seu trabalho e põe de lado todo o seu rancor. Seus nobres realizam um grande banquete, trazendo vinho e músicos, e esse festival esplêndido foi trazido para nós como memória de Jamshid.

Trezentos anos passam sem a morte; os homens não conhecem a tristeza ou o mal, e os demônios são seus escravos. As pessoas obedecem seu governante e a terra está repleta de música. Os anos passam e o farr real emana do rei enquanto o mundo inteiro está sob seu comando. Jamshid viaja pelo mundo e não encontra ninguém cuja grandeza ou esplendor possam se comparar aos seus. E ele, que antes conhecia Deus, torna-se mal-agradecido,

orgulhoso e esquece-se do nome de Deus. Assim, ele convoca os comandantes de suas tropas e seus conselheiros anciãos e diz: "Eu não conheço ninguém neste mundo que seja meu igual. Fui eu quem ensinei as técnicas e as artes de viver à humanidade e o trono real nunca viu ninguém igual a mim. Eu organizei o mundo como eu quis; sua alimentação, sono e segurança vêm de mim, assim como suas roupas e seu conforto. Grandeza, realeza e coroa são minhas. Quem ousaria dizer que outro homem senão eu é o rei?" Todos os anciãos abaixam suas cabeças, já que ninguém ousa contradizer nada que ele diz. Mas assim que ele diz essas palavras, perde o farr divino e os sussurros da revolta crescem.

Como um homem sábio e respeitado disse, "Se você é um rei, seja como um escravo perante deus; o coração de qualquer homem que for ingrato a Deus será preenchido de medos incontáveis." Os dias de Jamshid se escurecem seu esplendor, que ilumina o mundo, diminui.

Na terra dos árabes, há um bom rei que suspira de medo ante Deus. Seu nome é Mirda, um homem de grande generosidade e justiça. Cada um dos rebanhos que ele confia aos seus pastores tem milhares de animais, entre eles vacas, cavalos árabes, cabras e bodes, e quem precisar de leite ganha-o de Mirda.

Este homem justo tem um filho, cujo caráter tinha pouca gentileza. Ele é um jovem ambicioso chamado Zahhak, corajoso, de sentimentos turbulentos e com uma disposição para o mal. Todos o chamam de Bivarasp, uma palavra palávi que significa “dez mil cavalos”, porque ele tem dez mil cavalos árabes, todos com rédeas douradas. Ele passa a maior parte de seus dias e noites cavalgando-os, mais para demonstrar sua riqueza e grandiosidade do que em batalha.

Um dia, ao amanhecer, Eblis aparece diante de Zahhak apresentando-se como um simpatizante e o jovem se encanta com sua conversa. Eblis diz: “Primei-

ro, eu quero que você me prometa que nossa conversa será confidencial, e então eu irei contar a você o que eu tenho a dizer”. O jovem acena com gentileza e responde: “eu não contarei a ninguém sobre qualquer coisa que eu ouvir de você”.

Eblis diz: “Ouça meu conselho. Ninguém, a não ser você, deveria estar no comando aqui: com um filho como você, porque um velho pai desgastado deve reinar por tanto tempo? Toma este lugar, você é a pessoa melhor apta a esta posição. Se você ouvir meu conselho, você será o governador do mundo.” Zahhak ouve Eblis até o fim e pondera sobre suas palavras, mas o pensamento de derramar o sangue de seu pai incomoda seu coração. Ele diz: “Isso é errado: me dê um conselho diferente, isso não é algo que eu possa fazer”. Eblis diz: “Se você não seguir meu conselho, você estará quebrando sua promessa; você continuará como um sujeito desgraçado e seu pai irá continuar como governador.” Assim, ele le-

vou o árabe para sua armadilha, e Zahhak decidiu obedecê-lo. Ele diz: “Me conte como fazê-lo, qual é a melhor maneira de realizar isso? Não invente desculpas agora.” Eblis responde:

Eu tomarei conta de como isso será feito

Sua fronte irá subir no céu como o sol.

O Rei Mirda possui um lindo pomar, onde vai quando a manhã ainda é escura para lavar sua cabeça e corpo e para rezar. O empregado que vem com ele não traz uma luminária. Eblis cava um grande poço ali, e quando o rei árabe chega no pomar no dia seguinte, ele cai no poço e quebra suas costas. A boa sorte do homem reverente chega ao fim, e da vida despede-se. Então Eblis enche o poço de terra e vai embora.

Este rei honroso havia sofrido muito para criar seu filho em conforto; ele se contentou com ele o deu-lhe riqueza. Mas sua descendência maligna quebrou a confiança de seu pai e tornou-

-se cúmplice no assassinato de seu pai. Ouvi um homem sábio dizer: não importa quanto um homem é um leão selvagem, ele não derrama o sangue de seu pai, e se há algum segredo oculto aqui, é a mãe que deve responder a quem pergunta.

Desta maneira, o injusto e voluntarioso Zahhak toma o trono de seu pai, coloca a coroa árabe em sua cabeça e torna-se o distribuidor de dádivas e punições ao seu povo. Quando Eblis vê quão eficientes haviam sido suas palavras, ele dá novos maus conselhos. Ele diz a Zahhak: “Se você me obedecer, eu te darei tudo o que você poderia desejar no mundo. Siga minhas ordens e você será o rei da terra, seus animais, homens, pássaros e peixes serão seus.”

Então, Eblis se disfarça de um jovem inteligente e falante e aparece humildemente ante Zahhak. Ele diz: “Se o rei aceitar meus serviços, serei um excelente cozinheiro.” Zahhak o recebe, consegue um lugar para ele ficar e

dá a chave das cozinhas e dispensas reais. Naquele tempo, não se conhecia muitas receitas e havia poucos pratos feitos de carne. O novo cozinheiro criou pratos feitos da carne dos pássaros e animais, alimentando Zahhak com sangue para construir sua coragem, como se ele fosse um leão, enquanto obedecia todas as suas ordens e aparentemente submetendo seu coração às ordens do rei. Primeiro, ele faz um prato de gemas de ovo para torná-lo forte e saudável. Zahhak come o prato e parabeniza o cozinheiro, que recebe um prêmio por seus trabalhos. O esperto Eblis diz: “Que você viva orgulhosamente e para sempre; amanhã eu irei preparar um alimento que irá nutrir todo o seu corpo.” Então ele deixou a presença do rei e meditou toda a noite sobre o prato maravilhoso que faria no dia seguinte.

Pela manhã, o topázio do sol aparece no domo azul do céu e o coração do cozinheiro está repleto de esperanças quando ele traz um prato feito de perdiz e faisão branco; quando o rei dos árabes

senta para comer ele entrega sua cabeça tola nas mãos de Eblis. No terceiro dia, o cozinheiro prepara pratos de galinhas e kebab de carneiro; no quarto dia, carne de vitela cozida com açafrão, água-de-rosas, vinho envelhecido e puro almíscar. Quando Zahhak estica sua mão e come, ele fica estupefato com a habilidade de seu cozinheiro. Zahhak diz: “Você é um homen de boas intenções. Pense no que você deseja e peça para mim.” O cozinheiro disse: “Que você viva para sempre, Sua Majestade. Meu coração está cheio de amor por você, e minha alma é nutrida apenas pelo seu olhar. Eu tenho um pedido para o rei vitorioso, mesmo eu sendo indigno dele: desejo que ele me ordene beijar seus ombros, e pousar meus olhos e face neles.” Quando Zahhak ouve suas palavras, ele não tem noção do que o homem está planejando e diz: “Eu concedo a você o seu pedido e que seu nome seja honrado por isso.” Então ele diz que o cozinheiro deve beijar seus ombros como se fossem amigos íntimos. O demônio beija os ombros do

rei e desaparece logo em seguida; nenhum homem jamais viu tal maravilha no mundo inteiro.

Duas serpentes negras crescem dos ombros de Zahhak. Em sua agonia, o rei procura por uma solução em toda parte, e finalmente ele simplesmente as corta fora. Mas elas crescem novamente em seus ombros como os galhos de uma árvore. Médicos instruídos se reúnem e um por um dão suas opiniões; eles tentam toda sorte de remédios, mas não conseguem curar o rei de sua aflição. Então o próprio Eblis aparece sob a forma de um médico sábio e diz a Zahhak: “Estes crescimentos estavam destinados a aparecer; deixe as serpentes onde elas estão, elas não devem ser cortadas novamente. Você deve preparar comida para elas e aplacá-las alimentando; esta é a única coisa que você pode fazer. Dê nada a elas a não ser cérebros humanos e elas morrerão de tal alimento.” E qual era o propósito deste demônio cruel em dar tal conselho, se não limpar a terra da humanidade?

Enquanto isso, a Pérsia está cheia de discórdia e revolta; o dia iluminado escurece e homens perdem a confiança em Jamshid. Seu farr divino escurece e ele se entrega ao mal e à tolice. Reis insignificantes e suas tropas apareceram por toda parte, toda província cria seu próprio reinvidicante ao trono e eles não sentem amor algum por Jamshid. Um contingente vai até as terras árabes, onde eles ouviram dizer que vivia um senhor aterrorizante com a face como de uma serpente. Procurando por um rei, os cavaleiros da Pérsia se aproximaram de Zahhak: eles o saudaram como seu soberano, o saudando como governante. Essa criatura serpentina veio à Pérsia tão rápido quanto o vento sopra e lá colocou a coroa em sua cabeça. De cada província ele reuniu uma tropa de persas e árabes e atacou Jamshid em seu trono, apertando o nó ao seu redor. Quando Jamshid viu que sua boa fortuna o abandonara, ele foge e se esconde, se lamentando nas sombras e abandonando sua coroa, seu trono, sua soberania e tropas e sua

riqueza a Zahhak. Por centenas de anos ninguém o viu em lugar algum do mundo, mas então este rei infiel reaparece nas margens do Mar da China. Ele havia se escondido do rei-serpente, mas não pode escapar dele no final. Quando Zahhak pôe suas mãos nele, ele não dá tempo para que Jamshid implore e o serra em dois, enchendo o mundo de terror com seu destino.

O trono e a glória de Jamshid chegam ao fim, afastados pelo tempo como o âmbar afasta a palha. Quais foram os lucros para ele de ter suportado todos os problemas enquanto estava no trono? Ele viveu por setecentos anos, trazendo o mal e o bem à luz, mas qual o benefício de uma longa vida, uma vez que o mundo nunca irá revelar seus segredos para você?

*Seu vinho e mel irão tranquilizar
seus medos
e suas vozes sedutores encantarão seus
ouvidos —
e quando você estiver certo de que ela
nunca*

mostrará o mal a você, ela dá o golpe fulminante.

Zahhak reina por mil anos e do começo ao fim o mundo está sob seu comando. Os sábios se escondem e aos seus feitos, e demônios alcançam o que seus corações desejam. A virtude é desprezada e a magia aplaudida, a justiça se esconde enquanto o mal floresce; demônios se alegram por sua perversidade, enquanto a bondade só é falada em segredo.

Duas mulheres inocentes são arrastadas da casa de Jamshid, tremendo como as folhas de um salgueiro; elas são as irmãs de Jamshid, a coroa dentre as mulheres. Uma destas mulheres veladas é Shahrnavaz, e a sua casta irmã, Arnavaz. Zahhak as treina em magia e ensina-as os caminhos do mal, uma vez que ele não sabe nada a não ser o mal – assassinato, pilhagem e a destruição de cidades.

Cada noite, dois jovens, tanto

camponeses ou de origem nobre, são trazidos ao palácio de Zahhak. Lá, na esperança de encontrar a cura à doença do rei, eles são mortos e seus cérebros são transformados em comida para as serpentes. Ao mesmo tempo, há dois nobres, dois homens corretos, que vivem neste reino; um deles se chama Armayel, o Piedoso, e o segundo Garmayel, o Perspicaz. Juntos, eles discutem sobre a injustiça do rei e a maneira má na qual ele é nutrido. Um diz: “Nós devemos ir e nos apresentarmos como cozinheiros ao rei, para ver se conseguimos salvar pelo menos um de cada dupla que é morta para alimentar as serpentes.”

Eles aprendem como preparar numerosos pratos e foram aceitos como cozinheiros nas cozinhas do rei. Quando as vítimas são trazidas diante dos cozinheiros e chega a hora de seu sangue ser derramado, os dois homens olham-se com os olhos cheios de lágrimas e com ódio em seu coração. Incapazes de fazer mais, eles salvam um dos dois homens

do massacre, substituindo um dos cérebros por um de carneiro, o qual eles misturam com o cérebro do homem que eles matam. Assim, eles conseguem salvar um de cada dupla, para quem eles dizem: “Esconda-se nas planícies e montanhas, longe das cidades.” Dessa maneira eles salvam trinta vítimas por mês e quando há duzentos deles os cozinheiros os presenteiam em segredo com cabras e ovelhas e mostram um lugar deserto onde podem morar. Os Curdos, que nunca se fixam em cidades, são descendentes destes homens.

Enquanto isso, Zahhak governa cada vez mais cruelmente. Se um guerreiro tem uma linda filha mas a esconde em casa, Zahhak o acusa de associar-se com demônios e o mata, trazendo a filha para si como escrava. Ele age sem respeitar os costumes dos reis ou as leis da religião.

Veja o que deus faz com Zahhak quando ele ainda tem quarenta anos para viver. Tarde da noite, ele está dormindo com

Arnavaz quando ele sonha que três guerreiros aparecem de repente de um palácio imperial. O mais jovem dos três é alto como um cipreste e o farr real irradia dele. Ele caminha entre os outros dois como um príncipe, pronto para a batalha, empunhando uma maça com uma cabeça de touro. Ele ataca Zahhak e acerta-o na cabeça com sua maça. O jovem bate nele da cabeça aos pés, amarra suas mãos nas costas e o agrilhoam e o leva até o Monte Damavand com um grupo de observadores. Zahhak se retorce em seu sono e sente que seu fígado irá se partir de terror; ele grita, e sua câmara cheia de pilares treme com o barulho. Suas lindas serventes aparecem de repente com o grito de seu senhor e Arnavaz diz a ele: “Me diga, meu senhor, o que está lhe preocupando; você está dormindo em segurança em sua própria casa, deve ser algo em sua alma que o aterroriza. Os sete climas são seus para governar e os animais, homens e demônios protegem sua segurança.”

O rei diz a suas mulheres: “Vocês não serão capazes de esconder o que te digo, e quando vocês ouvirem esta maravilha vocês perderão as esperanças sobre minha vida.” Arnavaz responde: “Você deveria nos contar seu segredo, nós talvez possamos sugerir algum remédio, uma vez que nenhuma calamidade é sem remédio.” O rei descreve seu sonho, e Arnavaz diz: “Você não deve negligenciar isso. Mas seu trono governa o mundo, que brilha com seu esplendor, e todos os animais, homens, demônios, pássaros e fadas pagam tributo ao seu selo. Invoque astrólogos e magos de toda província; conte a eles o que você viu, procure a verdade sobre o assunto, veja em que mãos pousa o seu destino e se é um homem, demônio ou fada que lhe ameaça. Quando você souber disso, será o tempo para fazer planos; não trema de medo frente a malevolência de seus inimigos.” O rei gostou do conselho desta mulher, cujo corpo é elegante como um cipreste e cuja face é tão amável quanto as estrelas.

O mundo está tão negro quanto a asa de um corvo, quando de repente a luz aparece acima das montanhas; é como se o sol estivesse lançando topazes no céu púrpura. O rei chama sábios eloqüentes e instruídos de todos os cantos do mundo e conta a eles seu sonho que lhe causa dor lancinante no peito.

Ele diz: “É o bem ou o mal que estes signos anunciam?”

Quando minha vida terrena chegará ao fim?

quem virá atrás de mim? Diga quem irá possuir

este diadema real, e cinto, e trono.

Revelem este mistério e não mintam — contem-me este segredo ou preparem-se para morrer.”

Os lábios dos sábios tornaram-se secos e suas faces úmidas de lágrimas. Eles disseram um ao outro: “Se nós contarmos a ele o que acontecerá, nossas almas não terão valor, e se ele não ouvir de nós, devemos lavar a mão de nossas vidas aqui e agora.” Três dias passam e ninguém ousa falar



com Zahhak; no quarto dia ele diz: “Me contem o meu destino ou serão pendurados em uma forca.” Todos os sábios abaixam suas cabeças, seus corações repletos de terror e seus olhos de lágrimas. Um deles, um homem sábio e prudente chamado Zirak, dá um passo à frente. A ansiedade dominava seu coração, mas ele falou sem medo ante Zahhak: “Limpe a sua mente de pensamentos vãos, uma vez que nenhum homem nasce de sua mãe a não ser para a morte. Muitos reis valorosos sentaram no trono antes de você e experienciaram grande tristeza e grande alegria; cada um deles morreu e deixou o mundo na mão de outro. Cerque-se de muralhas de ferro que alcance o céu, mas você não pode permanecer ali, outro homem irá ocupar seu trono e sua boa fortuna irá cair por terra. O nome desse governador real será Feraydun; ele ainda não é nascido, o tempo de ansiedade e suspiros de sua mãe ainda está para vir. Mas quando ele nascer ele será como uma árvore frutífera; quando ele crescer como homem

levantará sua cabeça em direção à lua e irá procurar a coroa e o trono e o cinturão real. Ele será alto como um cipreste e em seus ombros ele trará uma maça com cabeça de touro que ele abaixará sobre sua cabeça; então ele o amarrará e o arrastará de seu palácio até as ruas.”

Zahhak pergunta: “Por que ele irá me amarrar? O que fará com que ele me odeie?”. O sábio responde: “Se você for sábio, saberá que um homem não faz o mal sem razão. Seu pai morrerá em suas mãos e isso o preencherá de desejo de vingança. Uma vaca chamada Barmayeh será sua ama de leite e ela também será destruída por você e isso será uma causa adicionada ao seu ódio.”

Zahhak o ouve até o fim e depois cai do trono, desmaiado. O sábio, temendo por sua vida, foge da presença real. Quando Zahhak recobra sua consciência, ele senta em seu trono novamente e dá ordens de que o mundo seja limpo de sinais de Feraydun. Ele não consegue descansar e



nem comer ou dormir; a luz de seus dias escurece.

Muitos dias passam e Zahhak vive amedrontado. O nobre Feraydun nasce e o mundo é renovado. Ele cresce alto como um cipreste e o farr imperial de Jamshid irradia dele como se fosse o sol. Ele é necessário à terra como a chuva, tão apropriado à alma como a sabedoria. Os céus passaram sobre Feraydun e o amaram com gentileza. A vaca chamada Bermayeh, a mais esplêndida de todas as vacas, também nasce: ela era como um pavão e cada pêlo de seu corpo tem uma cor diferente. Homens sábios, astrólogos e sacerdotes se reúnem ao redor dela e dizem que ninguém no mundo jamais vira uma vaca assim ou ouviu falar sobre suas semelhantes dos sábios antigos.

Em sua busca por Feraydun, Zahhak enche a terra de rumores e o pai de Feraydun, Abetin, foge de medo. Entretanto, ele cai na armadilha do leão e é aprisionado por alguns dos guardas malig-

nos de Zahhak. Eles o amarram como um guepardo e o levam à presença de Zahhak, que o mata. Quando a mãe de Feraydun, Faranak, descobre o que aconteceu com seu marido, ela teme por Feraydun. Desiludida, ela vai até as pradarias onde a vaca Bermayeh pasta. Ela vai até o proprietário da pradaria e, chorando lágrimas amargas, diz: “Coloca essa criança de colo sob sua guarda. Aceita-o como um pai o faria de sua mãe e nutra-o com o leite daquela vaca esplêndida. Se você desejar pagamento, minha alma é sua e minha vida será refém de seus desejos.” O guardião dos bosques e da vaca responde: “Eu serei como um escravo para seu filho e farei como você me pede.” Faranak entrega o filho dela e dá extensos conselhos sobre como criar o menino.

Este protetor é como um pai para Feraydun e por três dias ele o alimenta com o leite da vaca. Mas Zahhak não descansa em sua busca e o mundo se preenche de comentários sobre a esplêndida vaca. Faranak corre para as pra-

darias novamente e diz ao homem que salvou seu filho:” Deus colocou um pensamento em meu coração e eu devo agir conforme ele, porque meu filho é tão doce quanto a vida para mim. Eu irei partir dessa terra de magos e irei com meu menino em direção à Índia. Desaparecerei da vista dos homens e levarei essa linda criança para as montanhas de Alborz.”

Ela viaja com seu filho tão rápido quanto um mensageiro e, quando ela alcança as terras altas, ela é como um carneiro da montanha em agilidade. Há um homem religioso vivendo ali que havia se separado dos afazeres do mundo. Faranak diz a ele: Reverendo senhor, eu venho até aqui me lamentando do Irã. Você deve saber que esta nobre criança será o líder de seu povo; ele irá cortar a cabeça de Zahhak e jogar seu cinto e coroa sobre a poeira. Você deve protegê-lo, como um pai que treme pela alma de seu filho.” O bom homem aceita o filho dela sem nenhum suspiro.

Um dia, notícias sobre a pra-

daria e sobre a vaca Barmayeh chegam aos ouvidos de Zahhak e como um elefante enlouquecido ele vai até lá e a mata, juntamente com todos os animais que ele pode ver ao seu redor. Então ele rapidamente vai até a casa onde Feraydun morava e a revira, mas não encontra ninguém. Ele põe fogo na construção e a destrói.

Quando Feraydun tem dezesseis anos, ele desce das montanhas de Alborz para a planície e se aproxima de sua mãe, pedindo que ela revele os segredos de sua linhagem. Ele diz: “Quem é meu pai? Quem sou eu? De que família eu venho? Quem posso dizer às pessoas que sou? Me conte que conhecimento você tem disso.” Faranak responde: “Meu ambicioso filho, Eu irei lhe contar tudo o que você me pergunta. Você é da terra do Irã, e seu pai é um homem chamado Abetin. Ele era o descendente dos reis, um homem sábio e um guerreiro, que não incomodava ninguém. Ele descendia de Tahmures, de pai para filho. Ele era seu pai e um bom marido para mim; toda

a luz de meus dias vinha dele. Então Zahhak, que aproveitava-se da magia, tentou matar você e eu lhe escondi dele. Que dias ruins eu passei naquele tempo! Seu jovem e nobre pai sacrificou sua vida para manter a sua e eu fui para uma área de floresta que ninguém conhecia. Lá eu vi uma vaca tão amável quanto um jardim em primavera, de beleza maravilhosa da cabeça aos pés. Seu pastor sentava-se à frente dela como um rei e eu dei você a ele. Por muitos e longos dias ele lhe educou, ninando em seu peito e lhe alimentando com o leite da vaca, que fez com que você crescesse em um guerreiro atemorizante. Eventualmente, o rei ouviu falar sobre essa vaca e a campina onde ela morava. Ele foi lá pessoalmente e matou a sua generosa e muda ama de leite e destruiu nossa casa, mandando as cinzas em direção ao sol, transformando aquele prédio alto em ruínas.”

Feraydun se levanta, enfurecido pelas palavras de sua mãe. Seu coração está cheio de dor,

sua cabeça preenchida pelo desejo de vingança. Franzindo as sombrancelhas de raiva, ele responde à sua mãe: “Um leão se torna corajoso ao ser testado. O mago agiu e agora é a hora em que devo pegar a minha espada. Com a ajuda de deus, eu irei levantar a poeira da batalha sobre o palácio de Zahhak.” Mas sua mãe diz: Isso não é sábio. Você não tem nenhum seguidor em lugar algum, enquanto Zahhak é coroado e governa o mundo, além de ter uma tropa pronta para a batalha. Se ele desejar, ele pode invocar para seu lado cem mil guerreiros de cada região. Não é assim que você deve lutar. Não veja o mundo pelos olhos de uma criança.

*Quem quer que beba do leite da juventude pode ver
só a si mesmo, e nesse estupor ele
irá jogar fora sua vida. Eu espero de
você
alegria e prosperidade em tudo o que
você faz.*

Dia e noite o nome de Fe-

raydun está nos lábios de Zahhak. Em sua grandeza ele teme sua queda e seu coração está repleto de terror frente ao pensamento de Feraydun. Um dia, sentado no trono de marfim, com a coroa de turquesa em sua cabeça, Zahhak invoca os bons homens de todas as regiões para testemunhar o seu reinado. Ele diz aos sábios reunidos ali: “Vocês são sábios, homens habilidosos, e como todo homem sábio conhece, eu tenho um inimigo secreto. Eu não subestimo nem mesmo um inimigo desprezível e temo o mau destino que me espera. Eu devo aumentar o tamanho de minhas tropas, com homens e demônios, os dois juntos. Estou impaciente para cumprir isso e vocês devem concordar. Agora, um testemunho deve ser escrito, dizendo que seu líder plantou nada a não ser sementes de retidão, que ele diz somente o que é verdadeiro e que ele é zeloso na busca da justiça.”

Com medo de Zahhak, os grandes homens se reúnem e assinam o documento; jovens e ve-

lhos, eles escrevem seus nomes na declaração daquele monstro maligno. Naquele momento, os gritos de alguém exigindo justiça são ouvidos na porta. O pleiteante é trazido e é dado a ele um lugar à frente dos nobres presentes. Zahhak franze o rosto e diz a ele: “Conte-nos quem foi injusto com você”.

“Eu sou Kaveh, um ferreiro, senhor.”

Ele diz,

E enquanto ele fala seus punhos fechados batem em sua cabeça.

“É você que eu acuso, você é aquele cujo fogo destruiu tudo o que eu fiz toda minha vida.

Um rei ou um monstro? Qual é você? Conte-nos, sua Majestade, qual dos dois?

Se você governa sobre os sete reinos, por que

nosso destino deve ser sofrer e morrer?

Testemunhe e deixe-me pesar seu valor,

E deixe suas palavras surpreender toda a terra;

e quando tivermos ouvido tudo o que você tem a dizer nós veremos

os males que o mundo causaram a mim

*e porque deve ser o cérebro de meu
filho que irá alimentar
das suas serpentes a insaciável e
monstruosa gula.”*

Zahhak fica estupefato em ouvir tal linguagem; ele devolve o filho de Kaveh e tenta ganhá-lo com elogios. Então ele ordena que Kaveh assine o testemunho. Mas quando Kaveh lê o documento, ele se vira para os anciões reunidos:

*“Vocês estão nas garras do demônio,
agora”, ele grita
“Seus corações malignos não mais temem a deus,
e suas faces estão de acordo com o inferno;
Seus corações acreditam em Zahhak,
vocês desejam o bem para ele,
Mas eu nunca irei assinar, ou mesmo pensar
Nesse tirano corrupto e sua corte.”*

Ele se levanta tremendo de raiva enquanto rasga o testemunho em dois e joga aos seus pés. Então, precedido por seu vigoroso filho, ele sai gritando do palácio em direção às vias públicas.

Os sábios perguntam ao rei: “No dia da batalha os céus não ousam mandar ventos frios contra você, então porque permitiu este boca-suja chamado Kaveh ficar vermelho na face na sua frente como se fosse um companheiro seu? Por que ele pode rasgar nosso testemunho a você em pedaços e ignorar suas ordens?” O rei responde “Vou contar a vocês uma maravilha: quando Kaveh apareceu na porta e eu ouvi sua voz, foi como se uma montanha de ferro aparecesse no palácio entre nós dois; e quando ele bateu em sua cabeça com seus punhos, eu senti meu coração partir dentro de mim. Eu não sei o que virá disso; nenhum homem conhece o segredo dos céus.”

Quando Kaveh sai da corte, uma multidão se reúne ao seu redor no mercado. Ele continua a gritar e pedir por justiça, amarrando seu avental de ferreiro em uma lança como uma bandeira, estabelecendo um ponto de reunião. Tantos homens se reúnem ao redor dele que a poeira sobe aos céus. Kaveh anda adiante,

com a lança em sua mão, gritando: “Vocês são homens nobres e tementes de Deus. Se vocês estiverem do lado de Feraydun, libertem-se das correntes de Zahhak! Esse rei é Ahriman e em seu coração ele é inimigo do rei!” Enquanto ele anda, uma grande companhia de homens se reúne ao seu redor.

Kaveh sabe onde Feraydun está e segue diretamente para a corte do comandante. Quando a corte de Feraydun o vê se aproximar, um grito trovejante sobe aos céus. O príncipe vê o avental de couro e o interpreta como um sinal de boa fortuna. Ele cobre o avental de brocado Rumi e o adorna com um conjunto de jóias sobre fundo dourado, também colocando franjas vermelhas, amarelas e púrpuras. No alto da lança ele coloca um globo esplêndido como a lua. Ele então nomeia o avental de “estandarte Kaviani” e a partir desse momento, todo homem que assumisse o poder e colocasse a coroa real em sua cabeça deveria adicionar novas jóias no avental do ferreiro.

O estandarte Kaviani torna-se tão esplêndido com seus brocados e sedas que ele brilha dentro da escuridão da noite como o sol e o mundo ganha esperança de seu brilho.

O mundo continua assim por um tempo, com o futuro incerto. Feraydun vê que os dias de Zahhak estão contados e se coroa, indo em direção à sua mãe. “Eu devo ir para a batalha”, ele diz. “A sua tarefa é rezar para o criador do mundo, na sorte e no azar.” Sua mãe chora e reza: “Grande Deus, eu coloco minha confiança em você: proteja meu filho do mal e livre o mundo dos ignorantes.”

Feraydun se prepara rapidamente para sua partida, mas mantém seus planos em segredo. Ele tem dois nobres irmãos mais velhos, Kiyanush e Barmayeh. Ele diz: “Tomem coragem e vivam em alegria, meus companheiros. Os céus só podem mudar para melhor e a coroa real irá voltar para nós. Tragam-me ferreiros habilidosos e ordenem a

construção de uma maça maciça. Os dois irmãos correm aos bazares dos ferreiros e todos os cidadãos sedentos por fama vão ao encontro de Feraydun. O príncipe toma um par de compassos e desenha na poeira a imagem de uma maça com uma cabeça de touro. Os ferreiros começam a trabalhar, e quanto terminam de forjar a maça pesada, que brilha como o sol nos céus, eles a levam para Feraydun. Ele se alegra com seu trabalho e dá a eles ouro, prata e roupas. Ele promete a eles um melhor futuro e diz: “Se eu puder deitar aquele monstro debaixo da terra, eu irei lavar a poeira de suas cabeças. Eu irei guiar o mundo em direção à justiça, me lembrando do nome de Deus, de quem emana toda a justiça.”

Feraydun ergue sua cabeça em direção ao Sol e se prepara para vingar seu pai. Ele parte no dia de Khordad, quando os presságios eram favoráveis e quando estava sob uma estrela auspiciosa. Uma grande tropa se reúne ao seu redor e sua glória

sobe às nuvens. Elefantes fortes e touros carregando as provisões da tropa precediam a coluna enquanto Kiyanush e Barmayeh estão ao lado do rei como seus leais irmãos mais novos. Assim, Feraydun seguiu como o vento, passo a passo, sua mente povoada de pensamentos de vingança e seu coração povoado de justiça.

Viajando rapidamente em seus cavalos árabes, eles alcançam um lugar onde habitam homens devotados a Deus. Feraydun desmonta e envia saudações a eles. conforme a noite caía, um homem veio recebê-los com seu cabelo almiscarado alcançando seus pés e face que parece a de uma *houri* no paraíso. Essa figura angélica se aproxima do príncipe para ensinar-lhe os segredos da magia, e assim ele poderia saber a chave das coisas secretas. Feraydun compreende que esse é um ser divino e não um emissário do mal. Sua face corou como os botões da Árvore de Judas e ele se alegrou em sua juventude e boa fortuna. Seu cozinheiro preparou uma refeição digna de

uma pessoa de pureza incrível que aguarda cada muçulmano no paraíso

um nobre e, após comer, sua cabeça ficou pesada de sono.

Os dois irmãos de Feraydun viram o comportamento do homem santo e como a boa fortuna do príncipe florescia, decidem destruí-lo.

Feraydun está dormindo docemente no pé de uma montanha. Nessa noite, os dois irmãos saíram escondidos da tropa e escalaram a montanha onde uma grande rocha se projetava sobre Feraydun. Eles a empurram e ela rola pela encosta da montanha e vai matar Feraydun, mas por comando de Deus o barulho da pedra acordou Feraydun e ele parou-a em sua queda através de uma magia. A pedra parou e nunca mais se moveu. Então Feraydun se levanta e se prepara para continuar em sua jornada, nada dizendo aos seus irmãos sobre o que aconteceu.

Segue, então, em direção ao rio Arvand (se você não souber Pahlavi, esse rio se chama “Dejleh” em árabe, ou o Tigre) e

acampa em suas margens, perto da cidade de Bagdad. Convoca o barqueiro da região e diz que precisa de barcos para atravessar o rio com sua tropa. Mas o homem não mandou nenhum artefato nem veio falar com Feraydun. Sua resposta foi: “O rei do mundo me disse em particular que eu não devo deixar um mosquito atravessar o rio se ele não tiver uma autorização selada da maneira correta.” Feraydun se enraivece com tal resposta. Sua mente está focada em chegar à batalha vindoura. Ele não recua frente à profundidade do rio, montando em seu cavalo Golrang e se jogando na água. Seus companheiros rapidamente o seguem, jogando suas montarias no rio, com o nível da água mais alto que suas selas. O príncipe e suas tropas alcançam a outra margem e continuam em direção a Jerusalém, que se chama em Pahlavi “Gang Dezh Hukht” e é onde Zahhak construiu seu palácio.

Quando eles estão a um quilômetro da cidade, o rei vê um palácio com muralhas que brilham

como o planeta Júpiter nos céus e tão altas que elas parecem alcançar as estrelas. Ele sabe, este é o grande palácio, que parece um lugar de alegria e paz, mas que é o lar do monstro Zahhak. Assim, diz para seus companheiros: “Eu temo que alguém que consiga erguer um prédio como esse na terra escura é de alguma maneira secretamente favorecido pelo destino. Ao invés de nos demorarmos, acredito que devemos atacar imediatamente.” Ele apoia sua maça no ombro e se apressa, derrubando os guardas do palácio como fogo, de maneira que nenhum deles permanecesse. Esse corajoso jovem guerreiro, que não tem nenhuma experiência do mundo, agradece a deus e entra no palácio montado em seu cavalo.

Ele encontra um ídolo feito por Zahhak: sua cabeça alcançava os céus e carregava outro nome que não o do Criador. Assim, Feraydun o derruba. Com sua maça ele destrói a cabeça dos magos e demônios que estão no palácio e coloca seus pés no trono de Zah-

hak, vitorioso. Ele ordena que as mulheres do harém, de cabelos negros e cujas faces são esplêndidas como o sol, sejam trazidas até ele. Elas cresceram como idólatras e tremiam, assustadas, como se estivessem bêbadas, mas Feraydun comanda que suas mentes sejam purificadas e suas almas libertas da escuridão. Ele as ensinou os caminhos da justiça e as limpou de sua idolatria. Então, as duas irmãs de Jamshid mancharam suas faces de lágrimas, dizendo: “Que o velho mundo seja renovado por sua boa fortuna! Diga-nos que estrela lhe guia e de que árvore você brotou, que te encorajaram a atacar a morada do leão adormecido tão corajosamente! Quão miseravelmente nós passamos nossos dias, maltratadas por aquele mago tolo e que sofrimentos suportamos nas mãos daquele monstro! Nós nunca vimos alguém tão forte ou tão corajoso a ponto de buscar seu trono.”

Feraydun responde: “Nem o trono nem a fortuna irão ficar com o mesmo homem para

sempre. Eu sou o filho do ilustre Abetin, a quem Zahhak destruiu e assassinou no Irã. Eu busco o trono de Zahhak em vingança. A maravilhosa vaca Barmayeh foi minha ama-de-leite, e o sangue desse animal inocente também será vingado por mim. Eu venho da Pérsia trazendo a guerra, e eu darei ao maligno Zahhak nenhum descanso ou paz até que eu tenha destruído sua cabeça sob minha maça em forma de touro.”

Arnavaz diz: “Você é o rei Feraydun que irá destruir a magia e a feitiçaria e, ao matar Zahhak, libertará o mundo da tirania? Nós somos duas princesas de sangue real e nós o ajudamos somente porque nós temíamos por nossas vidas. Meu senhor, imagine o que é se casar com tal serpente!” Feraydun responde: Se os céus não estão aliados ao mal, eu irei limpar o mundo deste monstro. Agora, vocês devem me contar onde ele está se escondendo.” Essas duas mulheres belas, que tinham a esperança de ver a cabeça de Zahhak espetada numa lança, disseram: “Ele fugiu para

a Índia, para transformá-la numa terra de magia, e lá ele assassina inocentes aos milhares. Ele teme seu destino desde que foi profetizado para ele que a terra iria se livrar dele, que sua boa fortuna estava no fim e que um homem viria tomar seu trono. Esse aviso encheu seu coração com fogo e agora nada na vida lhe dá prazer. Ele assassina homens e mulheres, animais de carga e animais selvagens, misturando seu sangue em um tonel, acreditando que se ele lavar sua cabeça e corpo lá ele poderá evitar as predições dos astrólogos. E ainda assim as cobras que crescem de seus ombros continuam a tormentá-lo. Apesar dele fugir de país em país, sua dor nunca termina. Mas agora ele irá retornar, uma vez que ele é incapaz de permanecer em algum lugar por muito tempo.” O herói ouve enquanto a bela narradora alivia seu coração pesado de sofrimento.

Quando Zahhak fugiu dali, um homem tão baixo e desgraçado quanto um escravo tomou seu lugar no trono e passou a

comandar seu tesouro e palácio. Seu nome é Kondrow e ele é um tolo que pratica a injustiça. Esse homem entra na sala de audiência agora e vê que um novo príncipe, belo como um cipreste e coroado pela lua nova, está sentado no trono real. Ao lado dele está Shahranaavaz, e do outro lado, Arnavaz. Kondrow não demonstra nenhuma emoção e não pergunta nada: ele vem humildemente e faz uma reverência. Ele diz: “Ó Rei, que você viva para sempre! Que você se torne o trono, e que o farr que brilha de você lhe declare merecedor da soberania. Que os sete climas sejam seus escravos, e que sua cabeça esteja erguida acima das nuvens.” Feraydun ordenou que ele se aproximasse do trono e revelasse para ele os segredos da corte. Então, disse: “Limpe os símbolos reais e depois traga vinhos, músicos e prepare um banquete. Traga-me quem puder me agradar com sua música ou sabedoria, para que eu possa celebrar um banquete digno de minha boa sorte.”

Kondrow faz conforme é ordenado. Ele providencia vinho e músicos e convoca nobres merecedores da honra da presença do príncipe. Quando Feraydun vê o vinho, ele pede por música, e passa a noite em celebração. Mas quando o dia nasce, Kondrow deixa sua presença, monta em seu cavalo e vai unir-se à Zahhak. Quando ele chega à presença de Zahhak, conta tudo o que viu e ouviu. Ele diz: “Grande rei, o sinal do eclipse de sua boa fortuna enfim chegou. Três guerreiros nos atacaram com suas tropas. O central é mais jovem que os outros, mas em sua estatura é como um cipreste e sua face brilha com esplendor real. Ele é mais jovem que seus irmãos, mas o conduz e é seu superior. Ele carrega uma maçã que é como um fragmento de uma montanha. Sua glória brilha mais que a de seus companheiros. Ele cavalgou dentro do palácio, acompanhado de seus irmãos, e tomou seu lugar no trono. Então, ele destruiu todos os seus ídolos e magias e atirou das muralhas do castelo todos os seus cortesãos, tanto homens quanto

demônios, misturando seus cérebros e seu sangue na morte.

Zahhak diz: “Não há nada errado nisso. Ele é nosso convidado e tudo acontecerá para melhor.”

Kondrow responde: “Desde quando um convidado chega empunhando uma maça com cabeça de touro? Ou toma o seu lugar no trono e apaga seu nome da coroa e do cinto real e converte seu povo à sua própria fé? Se você considera esse homem seu convidado, eu desejo que tenha prazer em sua companhia!”

Zahhak diz: “Não me atormente com essas reclamações e não choramingue! Visitas exigentes são um sinal auspicioso.”

Kondrow responde: “Já ouvi dizer isso. Mas ouça isso: se este homem é seu convidado, que negócios ele tem no seu harém? Ele senta no trono com as irmãs de Jamshid ao seu lado e tira conselhos delas; uma mão acaricia a face de Sharnavaz, enquanto

a outra é beijada pelos lábios de ágata de Arnavaz. E quando a escuridão da noite chega, ele faz mais que isso: ele tem como travesseiro o almíscar - o cabelo almiscarado das duas mulheres que foram suas amadas companheiras.” Ouvindo essas palavras, Zahhak deseja a morte e grita como um animal selvagem. Ele começa a praguejar, amaldiçoando seu destino maldito, e diz: “Você nunca mais será o guardião de meu castelo!” Seu servo responde: “Meu senhor, eu acho que você nunca mais verá seu trono. Qual o propósito de me fazer o governador de seu país quando você não tinha nenhuma autoridade? Já que nada disso já aconteceu com você, por que não age em sua própria defesa? Você foi forçado para fora do poder como um cabelo é tirado da farinha.”

Enfurecido, Zahhak ordena que seu cavalo rápido seja selado. Com uma tropa imensa de demônios de guerra ele parte para o seu palácio. Lá, imerso na vingança, ele clandestinamente faz com que seus homens sabotem

as portas e telhados mais distantes no palácio, mas os homens de Feraydun percebem isso e se lançam ao ataque. Eles são auxiliados por todos os habitantes da cidade que podem lutar, já que eles detestam Zahhak.

Como orvalho de nuvens escuras, tijolos e pedras caem das paredes e telhados e as ruas estreitas ficam entulhadas com espadas e flechas. Todos os jovens da cidade abandonam Zahhak e se reúnem com Feraydun, juntamente com os mais velhos, que têm experiência na guerra. Um grito subiu do templo-fogo: “Mesmo se o rei for uma ave de rapina, jovens e velhos devemos obedecê-lo, mas não teremos mais esse monstro Zahhak ocupando o trono!”. Uma tropa tão grande se reuniu que uma nuvem de poeira subiu aos céus e escureceu o Sol.

Invejoso do sucesso de seu rival, Zahhak procura outra solução. Separando-se de seus homens, ele se veste em uma armadura de ferro, ficando assim

irreconhecível. Pega um laço de sessenta medidas e vai até o telhado do palácio. De lá, ele pode ver a feiticeira de cabelos negros, Shahrnavaz, com sua face branca como o dia e seu cabelo negro como a noite, próxima a Feraydun, amaldiçoando Zahhak. Ele descobre, então, que o que aconteceu fora destinado por Deus e que ele não escaparia do mau destino que estava guardado para ele. O fogo do ciúmes se acendeu em sua mente e, esquecendo-se do trono e do risco de vida, ele desceu no palácio com seu laço. Ele não se anuncia e saca uma adaga brilhante com a intenção de derramar o sangue de sua criada. Assim que os pés de Zahhak tocam o chão, Feraydun levanta-se como o vento e desce sua maça com cabeça de touro contra a cabeça de Zahhak, esfaqueando seu capacete. Nesse momento, o anjo Soroush aparece e diz: “Não o atinja novamente. O seu tempo ainda está para chegar. Agora que você acabou com seu poder, o amarre e o leve onde você vir uma passagem entre duas montanhas. Ele

ela é o próprio
anjo Gabriel,
meio branco,
meio preto, meio
dia, meio noite.

irá viver aprisionado dentro da montanha e seu povo nunca conseguirá alcançá-lo.”

Feraydun não perde tempo ao preparar tiras de couro de leão e amarra os braços e o corpo de Zahhak tão forte que um elefante furioso não conseguiria desatar os laços. Ele, então, senta no trono dourado de Zahhak e acaba com os hábitos malignos do tirano. Ele envia um arauto aos portões do palácio, que anuncia: “Vocês são homens sábios e honrados. Não é correto que vocês estejam carregando armas e se dirigindo à guerra, da mesma maneira que soldados não devem ser artistas. Cada grupo deverá seguir seu próprio chamado, uma vez que se um seguir o chamado do outro, a terra estará repleta de confusão. O tirano foi capturado e a terra está livre de seu poder. Voltem em paz para suas ocupações anteriores e que vivam felizes durante muito tempo!”

Todos os nobres e homens ricos da cidade vêm prestar home-

nagem a Feraydun, que os recebe gentilmente, dando conselhos e lhes agradecendo. E agradece a Deus. Ele diz: “Essa é minha corte e minha estrela irá trazer boa fortuna à sua terra, assim como minha maça libertou o mundo do mal do monstro. Eu sou o senhor da terra inteira e por isso eu não irei premanecer sempre no mesmo lugar, caso contrário eu já teria morado com vocês aqui durante muitos anos.”

Os nobres beijam o chão à sua frente e o som de tambores ecoa da corte. Zahhak, amarrado, é levado para fora, desonrado, jogado nas costas de um animal de carga. É levado para Shir-Khan. Quando eles alcançam a montanha, Feraydun deseja matar Zahhak, mas novamente o anjo Soroush aparece e fala persuasivamente em sua orelha, dizendo que levasse o prisioneiro maldito e solitário para o Monte Damavand. Feraydun assim o faz, rápido como viaja um emissário. Ele aprisiona Zahhak no Monte Damavand, amarrando-o com correntes e o confinando à pequena

caverna que parecia não ter fim. Pregos pesados são atravessados em seu corpo, evitando os órgãos vitais, prendendo-o à pedra, para que sofresse ali por muito tempo. E assim ele é abandonado, pendurado, acorrentado, com o sangue de seu coração manchando o chão.



Quando Feraydun se torna o senhor do mundo e vê que não há rival para seu governo, ele prepara o trono e a coroa real de acordo com os costumes dos reis Kaianidas. Ele coloca a coroa em sua cabeça no começo do mês de Mehr, em um dia auspicioso. As pessoas se viraram para a sabedoria e o mundo está livre do medo do mal. As disputas são colocadas de lado e um novo festival é estabelecido. Os nobres sentam-se e se alegram, cada um segurando uma taça de vinho da cor do rubi, que brilhava como a face do novo rei. Conforme o mês começa, o mundo se renova por sua justiça. Ele ordena que uma chama seja acesa e atira âmbargris e açafraão nela. Dessa maneira, Feraydun institui o festival de Mehregan, no qual o costume é festejar e não se preocupar. Esse festival até hoje é observado em sua memória e durante as festividades você deve tentar não transparecer nenhuma tristeza em seu rosto. Feraydun governa por quinhentos anos e nenhum de seus dias foi dado ao mal.

Faranak não sabe que seu filho se tornou o rei do mundo e que Zahhak fora afastado do trono e sua boa fortuna terminara. Quando as notícias de que seu filho havia sido coroado chegam a ela, ela lava sua cabeça e corpo e reza, abaixando sua cabeça em direção ao chão, amaldiçoando Zahhak e louvando Deus, que ocasionou essa feliz transformação. Ela secretamente faz caridade aos pobres e desafortunados, não contando para ninguém sobre suas ações. Por uma semana ela distribui bens dessa maneira e então oferece uma semana de celebração, abrindo a bolsa da sua fortuna e fazendo de sua casa um pomar repleto de convidados. Toda a fortuna que ela havia acumulado - os tecidos e jóias reais, os cavalos árabes com seus acessórios de ouro, as armaduras, capacetes, lanças de arremesso, espadas - ela não guarda nada, colocando tudo em camelos que são mandados para a corte de seu filho com uma mensagem de parabenização por sua subida ao trono.

Depois que Feraydun recebe homenagem de seu povo, ele faz um passeio pelo mundo para se familiarizar com suas novidades e segredos. Onde quer que ele veja injustiça ou uma área que não estava florescendo, ele amarra as mãos dos maus como um rei deveria, tornando o mundo um paraíso terreno e plantando ciprestes e rosas no lugar de espinhos e erva-daninha.

Passam cinquenta anos e Feraydun é o pai de três filhos, todos dignos de usar a coroa. Eles são altos como ciprestes e belos como a primavera, à imagem de seu pai. Mesmo antes de serem nomeados, eles poderiam lutar contra elefantes. Os dois meninos mais velhos são filhos de Shahrnaz, enquanto o mais novo é filho de Arnavaz. Quando Feraydun vê o valor deles, ele pede que seu assessor, Jandal, procure no mundo três princesas nascidas da mesma mãe e pai, para que fossem noivas dignas de seus filhos.

Jandal é um homem sábio e

com pensamento rápido. Imediatamente, ele começa a investigar que reis em que países poderiam ter filhas para um casamento. Ele não encontrou nenhum rei no Irã que fosse digno dessa honra. Assim, ele encontrou Sarv, o rei no Iêmen, esplêndido como um pavão entre as flores da primavera. Ele beijou o chão na frente do rei e o elogia dessa maneira. O rei diz para ele: “Que você seja para sempre louvado. Que ordens você tem para mim, quais instruções você traz?”. Jandal responde: “Que você viva em felicidade e que a mão do mau nunca o toque. Eu sou um homem persa dos mais baixos, mas trago para você desejos de boa saúde e prosperidade de Feraydun, já que você é a estrela que não apaga entre os árabes. Feraydun diz que não há nada mais importante para um homem que seus filhos. Os seus três filhos são mais doces para ele que a visão e ele procura noivas para eles. Eu investiguei e ouvi que você tem três filhas sem nome que são dignas de nossos príncipes. Essas duas famílias nobres devem se unir. Essa é a

mensagem de Feraydun e você pode responder como achar conveniente.”

Quando o rei do Iêmen ouve isso, ele murcha como um nenúfar que é retirado das águas. Ele diz para si mesmo: “Se eu não vir mais minhas três lindas filhas perto de minha cama, a luz do dia será como a escuridão da noite para mim. Mas eu devo manter meus lábios selados sobre isso: eu não tenho de ter nenhuma pressa para dar essa resposta. Irei ter com meus conselheiros e ver o que eles têm a dizer.”

Ele, então, prepara um alojamento confortável para o mensageiro de Feraydun. Então ele convoca seus conselheiros e coloca a questão diante deles. Ele diz: “Eu tenho três filhas, iluminadas como três velas acesas em sua delicadeza. Por causa delas, Feraydun me arma uma armadilha. Ele quer me separar das meninas, que são para mim importantes como a visão. O mensageiro de Feraydun propõe que os três príncipes de Feraydun to-

mem como noivas as minhas três filhas. Se eu disser que estou feliz com essa proposta, estarei mentindo, e não é digno de um rei mentir. Além disso, se eu entregar minhas filhas para ele, como eu irei suportar o fogo no meu coração e as lágrimas em meus olhos? Mas, se eu rejeitar sua proposta, minha vida será destruída por sua fúria. Não é um feito fácil suportar sua fúria. Ele é o senhor do mundo e vocês sabem como ele lidou com Zahhak. Agora, o que vocês propõem que eu faça?”

Os chefes responderam: “Não vemos porque você deve se dobrar e torcer a cada vento que sopra. Feraydun pode ser o senhor do mundo, mas nós não somos escravos. Se você aprovar os filhos de Feraydun, receba-os e fique silencioso. Mas se você quiser contornar essa situação e está com medo de Feraydun, exija condições que serão difíceis para ele cumprir.” O rei os ouve, mas permanece incerto sobre o que fazer.

Ele convoca o mensageiro de Feraydun e fala eloqüentemente a ele: “Eu estou sob o comando de seu rei e irei obedecer quaisquer ordens que ele me der. Diga a seu rei que eu disse: ‘Você é um grande homem e seus filhos são importantes para você, especialmente porque são dignos de lhe suceder ao trono. Minhas filhas também são importantes para mim e se o rei pedisse pelos meus olhos ou pela soberania sobre o Iêmen, esses sacrifícios me dariam menos do que nunca mais ver minhas filhas. Mas se este é o desejo do rei, eu não posso me opor a ele. Minhas filhas irão deixar o meu reino quando eu tiver visto os nobres filhos do rei. A visita deles aqui irá iluminar a escuridão de meus dias e uma vez que eu vir a justiça em seus corações, eu irei segurar suas mãos em amizade e darei minhas filhas para eles de acordo com nossos costumes e rapidamente devolver-lhes a você.’” Quando Jandal ouviu a resposta, ele beijou o trono como é apropriado e, abençoando o rei, ele deixa a corte e volta ao encontro do

senhor do mundo. Lá, ele conta tudo o que ele viu e ouviu.

Feraydun chama seus filhos e revela para eles a busca de Jandal. Ele diz: “O rei do Iêmen é um ótimo guerreiro. Ele não tem nenhum filho, mas suas três filhas virgens são como a coroa para ele. Se o próprio anjo Soroush fosse recebê-las em casamento, ele beijaria o chão diante delas para prestar homenagem. Eu pedi a mão dessas mulheres para que sejam suas noivas e disse tudo o que é apropriado. Agora vocês devem ir até ele e falar eloquentemente por si sós. Vocês devem ser sábios e cuidadosos e devem ouvir atentamente tudo o que ele lhes disser. Falem bem quando responderem a ele e respondam suas questões com inteligência. Vocês cresceram como príncipes e devem agir de acordo. Sejam eloquentes, perspicazes e puros em seus feitos. Digam a verdade quando vocês falarem e escolham suas palavras com sabedoria. O rei do Iêmen é um homem astuto e possui poucos iguais. Ele não pode pensar que vocês são fra-

cos, porque se ele o fizer, tentará trapaceá-los. No primeiro dia haverá um banquete em sua homenagem. Suas três lindas filhas estarão lá em todo o seu esplendor, sentadas em tronos, cada uma como a lua cheia em sua beleza. O mais jovem se sentará na frente, a mais velha mais atrás e a do meio entre elas. A mais jovem será colocada perto do mais velho de vocês a mais velha perto do mais novo. Vocês devem estar atentos a isso, e quando ele perguntar qual é a mais velha, qual é a do meio e qual é a mais jovem, vocês devem responder de acordo. Digam que à que foi dado o lugar de honra é a mais jovem e que a mais velha é aquela que foi colocada no lugar mais baixo, com a do meio em seu lugar correto. Dessa maneira, tudo dará certo para vocês.” Os três príncipes puros ouvem o conselho sábio de seu pai e, quando deixam sua presença, eles já sabem como agir. Eles se prepararam para a sua viagem, levando sacerdotes e um conjunto de guerreiros que brilhavam como estrelas no céu.

Quando Sarv ouve sobre a chegada dos príncipes, ele mandou que arrumassem suas tropas de maneira mais esplêndida que as penas de um pavão e enviou uma comitiva composta por pessoas de sua própria família e por estranhos. Assim que os príncipes chegaram, homens e mulheres vêm saudá-los, jogando jóias e almíscar misturados com açafreão em seu caminho. A crina de seus cavalos é untada com vinho e almíscar e seus cascos andam sobre moedas de ouro. O palácio está preparado para os príncipes e é como um paraíso: cheio de bens preciosos, os tijolos de prata e ouro e as paredes cobertas de brocados. Conforme desmontaram, seus corações se enchem de confiança frente ao palácio e a noite parece se tornar o dia. As três filhas foram apresentadas pelo rei da maneira que Feraydun prevera. Cada uma delas é radiante como a lua cheia. Elas se sentam como Feraydun prevera. O rei se volta aos príncipes e diz: “Qual entre estas estrelas é a mais jovem, qual é a do meio e qual é a mais velha? Vocês de-

vem me indicar qual é qual.” Os príncipes respondem como eles foram instruídos e dessa maneira costuraram os olhos da fraude. O rei percebe imediatamente que seu truque falhou e diz: “A verdade é como vocês dizem” e entrega a mais jovem para o mais jovem, a do meio para o do meio e a mais velha para o mais velho. Então eles pedem as mãos das filhas, enquanto as três princesas se envergonham do comportamento de seu pai. Então, as princesas voltaram para seu próprio palácio, suas faces cobertas de beleza e encanto, seus lábios com palavras macias.

Agora, o vinho triunfa sobre a razão. Os príncipes estão prontos para dormir e então são conduzidos para um jardim de rosas onde eles se deitam em camas perfumadas com água de rosas. Então o rei árabe conjura mágica contra eles. Ele deixa o jardim das rosas e faz soprar um vento frio com a intenção de matar os jovens. A planície e o jardim congelam e está tão frio que nem mesmo os corvos ousam voar ali.

Os três príncipes acordam de frio, mas com seu conhecimento de magia e suas rezas eles conseguem superar os feitiços do rei e o frio não os fere.

Quando o sol nasce sobre as montanhas negras, o rei desonesto veio rapidamente para o jardim, esperando encontrar as faces de seus genros azuis de frio e seus corpos congelados, de maneira que suas três filhas ficassem com ele. Assim ele espera encontrá-los, mas o sol e a lua não o favorecem. Ao invés disso, ele encontra os três sentados em glória e nobreza e assim o rei sabe que suas magias falharam. Ele, então, celebra uma audiência com os nobres de seu país e abre as portas de seus tesouros antigos, revelando riquezas escondidas há muito tempo. Suas três filhas, lindas como os jardins do paraíso, são trazidas a seu pai. Ele as cobre de jóias e coroas que são tão pesadas que se tornam um tormento. Então, ele entrega essas três luas para os três príncipes e diz para os nobres e sacerdotes reunidos: “De

acordo com nossos costumes, eu entrego minhas três filhas a estes príncipes, que são dignos delas. Que eles gostem delas como sua própria visão e que estimem-nas como suas próprias almas!”

Então ele amarra a bagagem das noivas em camelos corajosos. Todo o Iêmen brilha, cheio de jóias. Assim, a fila de liteiras bordadas cruza o campo. A caravana dos príncipes se dirige à corte de Feraydun.

Feraydun recebe notícias que seus filhos estão retornando e, rapidamente, vai ao encontro deles. Ele quer conhecer verdadeiramente seus corações, aplicando neles um teste para aliviar seu coração. Assim, ele assume a forma de um dragão, tão imenso que um leão não teria nenhuma defesa contra sua força. De sua boca corre um rio de chamas. Ele vê seus filhos e a poeira sobe até os céus. O mundo ecoa com o grito que o dragão dá. Primeiro, ele ataca o príncipe mais velho, que diz: “Nenhum homem deve lutar contra um dragão” e foge.



Em seguida, vira-se para seu segundo filho. O jovem retesa seu arco e fica no lugar, gritando: “Se é necessário combater, eu posso lutar contra um leão furioso ou um guerreiro com armadura!” Por fim, o filho mais jovem se aproxima e grita: “Fora do caminho, montro! Se você já ouviu falar de Feraydun, então saiba que nós somos seus filhos, corajosos como um leão. Vá embora agora, ou nós lhe daremos uma coroa que você não vai esquecer!” Feraydun observa como cada filho reage ao seu teste e desaparece. Ele os deixa ali e depois volta para saudar seus príncipes sob sua própria forma, como rei e pai, acompanhado da corte e seus seguidores.

Ele se aproxima com sua maça com cabeça de touro em punho, acompanhado pelo soar dos tambores e seus elefantes de guerra, com os chefes de guerra atrás dele. Quando os príncipes vêem seu pai, eles desmontam e beijam o chão à frente dele. Seu pai os pega pelas mãos e os trata com muita importância. Juntos,

eles voltam ao palácio, onde Feraydun rezou, reconhecendo que tudo que é bom e tudo o que é mal vêm do Criador. Então, ele convoca seus filhos e os senta em tronos, dizendo: “O dragão que queria consumir o mundo com o fogo de seu hálito era seu pai que desejava testar sua masculinidade. Quando ele viu suas reações, ele voltou à sua forma real. Agora, eu decidi nomes apropriados para vocês. Você, o mais velho, será chamado de Salm, e que o mundo seja conforme você desejar. Você procurou a segurança (Salamat) quando o monstro o ameaçou e não hesitou em fugir. Devemos chamar um guerreiro que não teme elefantes e leões de tolo, não um homem corajoso. Meu filho do meio agiu de forma impetuosa e o fogo aumentou sua coragem. Por isso, nós vamos chamá-lo de Tur. Ele é um leão corajoso que pode derrubar um elefante furioso. Coragem em seu lugar é um belo atributo e o covarde não merece um lugar de honra. E, por fim, meu filho mais jovem, um homem que tem dignidade e ferocidade, que

pesa as questões cuidadosamente e anseia por lutar, que escolhe o caminho do meio entre a terra e o fogo, como é correto para um homem inteligente, ele é o guerreiro mais merecedor de elogios do mundo e será chamado de Iraj. Que ele permaneça magnânimo em todos os seus feitos, já que desde o começo ele foi como um leão e demonstrou coragem na adversidade. E, agora, com alegria, eu nomeio essas três jovens árabes.”

Ele chama a esposa de Salm de Arezu (Desejo), a esposa de Tur ele nomeia Mah-e-Azadeh Khui (Uma lua de espírito livre) e a esposa de Iraj, cuja doçura excedia a de Canopo, ele chamou de Sahi (Alta e Magra).

Em seguida, tábuas astrológicas são trazidas e Feraydun estuda o horóscopo de seus filhos. No de Salm, ele encontra o planeta Saturno em Sagitário. As estrelas de Tur mostram Marte ensanguentado em Leão. Quando ele olha as estrelas de Iraj, ele vê a Lua em Áries. Essas estrelas ma-

lignas mostram que problemas e a guerra estavam guardados para eles.

A estrela tem nome em persa: Suhaili. Ela indicava a luz do pensamento espiritual e hoje em dia é conhecida como Canopo.

Feraydun revela um plano que ele mantinha em segredo. Ele divide o mundo em três partes: a primeira parte é o Ocidente, a segunda, a China e a terra dos Turcos e a terceira, a Pérsia, a terra dos guerreiros. A primeira área ele dá a Salm, a quem ele ordena que selecione uma tropa e vá para o Ocidente, onde ele é entronado e aclamado Senhor das Terras do Ocidente. Feraydun faz de Tur o mestre de Turan e dá a ele soberania sobre os Turcos e sobre a terra da China. Tur seleciona sua tropa e marcha para sua nova casa, onde ele é entronado e seus nobres o cobrem de jóias e o reconhecem como o Senhor de Turam. Quando os assuntos de seus dois filhos estão resolvidos, Feraydun se volta a Iraj, a quem ele entrega a Pérsia e as terras dos Árabes. Ele entrega ao filho a coroa e a espada, o selo e o trono de marfim, porque ele é digno deles. Cada um dos três irmãos príncipes senta em seu próprio reino e os homens sábios proclamam Iraj o Senhor da Pérsia.

O tempo passa. O Destino

Salm é casado
com Desejo.

mantém seus segredos guardados. Feraydun se torna velho e a poeira cobre o jardim da primavera. A força diminui conforme a idade rasteja e, conforme os dias de Feraydun se escurecem, seus filhos se tornam mais fortes. O coração de Salm salta no peito e seu humor e suas maneiras mudam. Seu espírito é subjugado pela ganância e pelo desejo. Assim, ele conspira com seus conselheiros. Ele está insatisfeito com a porção que seu pai lhe dera e com o fato que o trono da Pérsia estava nas mãos do seu irmão mais novo. Com seu coração fervendo de fúria e sua face toda franzida, ele envia um mensageiro a seu irmão, o rei da China. A mensagem deseja vida longa e felicidade. Continua assim: “Veja bem nossa história, uma que ninguém jamais ouviu. Nós éramos três irmãos, todos dignos do trono, mas nosso irmão mais novo foi abençoado pela fortuna. Como eu sou o mais velho e mais experiente, o Destino deveria ter me favorecido. E, se eu sou deixado de lado, não deveriam a coroa e o trono pertencerem a

você, meu senhor? Ele deu a Pérsia, a terra dos heróis, e o Iêmen, a Iraj. As terras do Ocidente para mim e a China e a terra dos Turcos para você. O mais jovem entre nós é senhor da Pérsia: isso não faz sentido! Não há nenhuma sabedoria nos planos de nosso pai. Nós dois devemos sentir pesar por sua decisão, que nos causou tanta injustiça.

O mensageiro rapidamente vai até a corte de Turan, onde ele suavemente repete tudo o que ele havia ouvido e, assim, enche a cabeça do rei de pensamentos vaidosos. Quando o corajoso Tur ouve essas palavras, ele se levanta como um leão furioso e diz: “Diga a seu mestre isso: ‘Lembre-se, meu senhor jutso, que nosso pai nos enganou em nossa juventude e que ele plantou uma árvore cuja seiva é sangue e cujos frutos são venenosos. Não devemos hesitar em agir; seria tolo nos prolongarmos.’” O emissário trouxe a mensagem de volta e, uma vez que o segredo está entre eles, os dois irmãos, um da China e o outro do Ocidente, se

encontram e misturam veneno ao seu mel, discutindo como eles devem agir.

Eles escolhem um sacerdote ativo, eloquente e perspicaz que iria se lembrar de qualquer coisa que fosse confiada a ele. Salm fala primeiro, lavando seus olhos de toda vergonha ante seu pai: “Não deixe que nem o vento nem a poeira atrase sua jornada conforme você corre em seu caminho. Quando você chegar na corte, lembre-se de contar ao Rei Feraydun que seus dois filhos lhe desejam tudo que há de bom: Lembre-o de sua idade e lembre-o que ele deve temer a Deus aqui e pela eternidade. Um homem jovem tem esperança de prazeres futuros, mas homens cujos cabelos estão brancos não verão a juventude novamente. Diga a ele: ‘Deus lhe deu toda a terra para que governasse, mas você agiu como um tolo e mau. Você teve três filhos, todos corajosos e valorosos. Você favoreceu um deles e a ele deu a coroa da soberania. Os outros dois foram negligenciados e desprezados por você.

Nós não somos menores que ele por nascimento. Se ele merece a plataforma real, também nós merecemos. Deus nunca irá olhar com favorecimento o seu tratamento preferencial a este filho. Tire a coroa a força dessa cabeça sem valor e dê a ele algum canto escuro do mundo para que viva. Se você não o fizer, nós traremos bandos de guerreiros armados da China, Turquistão e das terras do Ocidente para tornar o dia de Iraj uma noite poeirenta e humilhar a Pérsia com a força de nossas tropas.’”

Quando o sacerdote ouve essa mensagem rude, ele beija o chão e sai tão rápido como fogo carregado pelo vento. Ele chega ao castelo de Feraydun, que se ergue acima dele como uma montanha com suas ameias escondidas entre as nuvens. Cortesãos sentados na sala do trono. Atrás de uma cortina, a nobreza. De um lado, leões e leopardos amarrados; do outro, elefantes de guerra furiosos. Os guerreiros reunidos dão um grito como o de um leão. Para o mensageiro, essa é a

corte celestial e esses guerreiros ali são os seres angélicos.

Feraydun sabe da chegada do mensageiro e pede que as cortinas sejam retiradas, para que seu cavalo possa entrar. O mensageiro vê que a face de Feraydun enche todos os olhos e corações e que ele é como um cipreste em estatura, que seu semblante é como o do sol e que seu cabelo é como a cânfora branca sobre uma rosa vermelha. Seus lábios eram sorrisos, seu olhar, modesto e acolhedor. Palavras reais adornavam seus lábios. O mensageiro se prostrou e cobriu o chão de beijos. Feraydun fez com que se levantasse e o sentou em uma cadeira digna. Primeiro, ele pergunta sobre a saúde e bem-estar de seus filhos e depois sobre a longa e difícil estrada cruzada pelo mensageiro. O mensageiro responde: “Grande Rei, que o trono nunca esteja sem você! Esses sobre quem você pergunta vivem para o seu bem-estar, mas eu sou meramente um escravo e não sou mestre de meu próprio corpo. Eu trago uma mensagem

rude e furiosa para o rei, apesar de ser inocente de seus conteúdos. Diga-me, meu senhor, se você deseja ouvir as palavras tolas de dois jovens.”

Feraydun ordena que ele fale. Assim, ele repete as palavras que ouviu. Conforme Feraydun ouve, sua mente fervia de raiva. Então, ele diz: “Você é um homem sábio e não há motivo para que se desculpe pelo que você disse. Meus próprios olhos previram isso e meu coração o suspeitava. Conte a esses dois tolos corruptos e inúteis, esses dois cujos cérebros foram desviados por Ahriman: ‘O rei está feliz porque que vocês mostraram suas naturezas e diz que suas saudações são dignas de vocês. Vocês se esqueceram do conselho que eu lhes dei e nenhum traço de sabedoria permanece em suas mentes. Vocês não têm medo nem vergonha perante Deus? Meu cabelo já foi preto como o piche, minha estatura como a de um cipreste e minha face brilhava como a lua cheia. Mas os céus passam e curvaram minhas costas. Mas eles irão cur-

var as suas, também, e aquilo que é curvado se torna instável. Eu juro em nome de Deus, pela terra e pelo sol, pela lua, pela coroa e pelo trono que o que eu fiz com vocês foi justo. Eu convoquei homens que são sábios, que conhecem as estrelas e que compreendem os céus. Passei longos dias pesando o seu valor, dividindo os países da terra. O temor a Deus estava em mim e eu procurei justiça na terra e na minha corte. Eu disse: ‘Eu darei o mundo para meus três filhos’, mas Ahriman ocupou seus corações e mentes. Perguntem-se agora: irá Deus olhar gentilmente para os planos que vocês construíram e às coisas más que fizeram? Ouçam: essa história é uma que vocês devem saber, pois vocês irão colher as consequências daquilo que vocês plantaram. Esse mundo fugaz não é o mundo onde iremos habitar eternamente. Por um trono que vocês não merecem vocês deixaram o demônio lhes pegar para si. Eu ainda tenho poucos dias aqui e não tenho coração para a guerra. Eu não posso mais brigar e me

esforçar, então ouçam as palavras de um homem velho: o coração que se liberta da paixão que rói e da ganância ambiciosa olha para os tesouros do rei e para a poeira como um só. O homem que vende seu irmão, como vocês fizeram, por essa mesma poeira sem valor, nunca será considerado um filho da pureza. O mundo já viu muitos homens como vocês e os arrasou. Não há nada que possam fazer a não ser se voltar a Deus. Pensem sobre o caminho sobre o qual vocês viajam, porque ele leva ao Dia do Juízo.”

O mensageiro ouve essas palavras, beija o chão e vai embora, deixando a corte de Feraydun rápido como o vento.

Assim que o mensageiro de Salm parte, Feraydun chama Iraj e revela a ele o que aconteceu. Ele diz: “Meus dois filhos bélicos estão atacando do oeste. Suas estrelas já haviam previsto o prazer deles no mal. Os países nos quais eles estão alocados estão estéreis. Seu irmão não será um irmão para você enquanto você usar a

coroa. Dos confins do mundo, meus dois filhos declaram guerra. Se você estiver pronto para lutar, abra seus tesouros e equipe seus homens. Agarre essa taça enquanto é cedo, pois senão o jantar da noite será despesa sua. Não procure por aliados neste mundo: a justiça e a inocência são seus únicos amigos.”

O nobre Iraj observou seu reverendo pai e disse: “Nossas vidas passam por nós como o vento e por que os homens sábios devem sentir pesar ao saber que eles devem morrer? A flor da árvore de Judas murcha, a face bonita da luz diminui e a escuridão toma o seu lugar. O mundo é prazer primeiro, depois pesar, então deixamos esse mundo vão de homens vivos - nossas camas são a poeira, por toda eternidade. Ou devemos plantar uma árvore que nunca veremos? Os céus estrelados giram e giram de novo e tudo o que eles trazem aos homens é sangue e dor. A terra já viu tantos homens que usaram as vestes e as coroas reais e ainda verá muitos. A vingança nunca foi a maneira

real e eu não irei fazer o mal, aconteça o que acontecer. O que são a coroa e o trono para mim? Desarmado, irei encontrar meus irmãos, a quem eu nunca machuquei, e direi a eles que esqueçam essa inimizade. ‘Lembrem-se de Jamshid’, irei dizer, ‘como ele foi levado deste mundo no qual ele governava sozinho, despojado de toda sua soberania e do trono. Meus irmãos, nós iremos prolongar esse destino. Nós também experimentaremos o destino que Jamshid conheceu. Falarei a eles com doçura. Isso será melhor que palavras cruéis e hostilidade.”

Feraydun responde: “Meu filho tão sábio, seus irmãos procuram a guerra, enquanto você busca a reconciliação. Me lembro do dizer: uma pessoa não deve ficar surpresa quando a lua emana luz da lua. A sua resposta é nobre e seu coração está repleto de amor. Mas o que acontecerá com um homem que coloque voluntariamente sua cabeça dentro da boca de um dragão? Com certeza o veneno irá destruí-lo, já que essa é a natureza do dra-

gão. Meu filho, se esta é a sua decisão, prepare-se, escolha alguns companheiros de suas tropas para lhe acompanhar. Escreverei uma carta para seus irmãos com a agonia do meu coração na esperança de que eu possa vê-lo novamente com seu corpo incólume, pois ver você é a alegria da minha alma.”

O rei escreve cartas ao senhor do Ocidente e ao rei da China. Ele começa louvando o Deus eterno e continua: “Essa carta é para aconselhar dois sóis que brilham nos céus, dois senhores da guerra, duas jóias entre os reis. Ela vem de um que experimentou o mundo, que descobriu seus segredos e transformou a noite em dia, que segurou a maça e a espada e superou toda sorte de dificuldades. Eu não mais desejo vestir a coroa, acumular tesouros ou ocupar o trono: já sofri demais e só desejo o bem-estar de meus três filhos. Seu irmão, com quem vocês estão irritados, apesar dele nunca ter suspirado uma palavra contra ninguém, veio até mim perturbado com a sua raiva. Ele

prefere vocês à soberania dele e agiu de forma nobre: ele deixou o seu trono e cavalga em sua direção, humildemente, como seu irmão mais novo. Respeitem-no e tratem-no bem. Depois que ele passar alguns dias com vocês, devolvam ele a mim, são e salvo.”

O selo do rei é colocado em cima das cartas e Iraj cavalga para fora do palácio. Ele vai com alguns companheiros, velhos e novos, o mínimo necessário para acompanhá-lo nessa jornada. Ele se aproxima de seus irmãos, mas não tem idéia de seus planos negros. Eles vêm cumprimentá-lo como de costume e desfilaram suas tropas diante dele. Quando ele vê essa aparente benevolência, a face de Iraj relaxa. Dois deles estão repletos de ódio e um de benevolência. Enquanto eles se questionavam, a conversa não satisfazia ninguém. Dois homens cujos corações estão repletos de desejo de vingança e um cujo coração está em paz vão em direção ao acampamento dos comandantes. Os olhos das tropas estão fixados em Iraj e eles vêem que

ele é digno do trono e da coroa. Seus corações são movidos pela visão do jovem príncipe e eles se viram, uns aos outros, o elogiando, dizendo que Iraj merecia ser um Imperador e que ninguém mais merecia reinar. Salm percebe isso nas tropas e fica preocupado com o comportamento dos soldados. Ele cavalga com o coração cheio de rancor. Sangue cobre o seu fígado e sua face está cheia de nós. Ele pede que os estranhos saiam de seu pavilhão e senta-se para conversar com Tur. Eles falam sobre todos os aspectos do assunto, sobre soberania e sobre quem governava sobre quais terras. No meio dessa conversa, Salm diz para Tur: “Por que nossos homens estão em pares? Quando nós retornamos aqui, eles estavam diferentes de quando nós saímos para receber Iraj e todo o caminho de volta eles mantiveram seus olhos voltados a ele. Meu coração está escurecido por esse assunto da Pérsia e, quanto mais eu penso sobre ele, mais meu coração dói. Eu observei os homens de nossas duas tropas e eles não irão

chamar ninguém mais de rei de agora em diante. Se você não arrancar isso no início, eles irão te arrastar para fora do trono.”

Eles chegam à uma decisão e através da noite eles falam sobre como o farão. Quando o véu foi retirado do sol e a manhã nasce, dissipando o sono, os corações inúteis dos dois se concentram nisso e eles lavam toda a vergonha de seus olhos. Eles cavalgam de seu pavilhão em direção à tenda de Iraj. Quando ele os vê se aproximando, bondade enche seu coração e ele corre para saudá-los. Os três irmãos entram na tenda de Iraj e a conversa vai e vem até que Tur diz: “Se você é mais novo que nós, por que você ganhou a coroa mais importante? Você ganha a Pérsia, suas riquezas, o trono Kaiânida e a coroa, enquanto eu tenho que governar os Turcos e meu irmão mais novo tem de sofrer no Ocidente. Nosso pai te favorece, o irmão mais novo, quando ele faz essa divisão, mas eu não irei permitir isso. Nem a coroa Kaiânida, nem o trono, nem a

soberania nem a Pérsia devem ser seus.” Quando Iraj ouve as palavras de Tur, ele responde de maneira simples e direta: “Você é meu irmão mais velho e ambiciona pela glória. Se você quer ser feliz deve acalmar-se. Eu não quero a Pérsia, nem o Ocidente nem a China, nem a soberania ou autoridade sobre nenhum país. A grandiosidade que traz consigo o mal é algo sobre o qual se deve chorar. Se os céus elevam sua sela para a glória, finalmente seu travesseiro será a poeira. Eu sentei no trono da Pérsia, é verdade, mas agora estou cansado tanto da coroa como do trono. Eu os entrego para você para que não tenha mais nenhum ódio contra mim. Não desejo brigar com você e seu coração não deve se chatear com nada que eu fizer. Se algo lhe causar problema e significar que não posso mais lhe ver, eu não desejo governar nesse mundo. Eu não quero nada a não ser ser um subordinado e que o desejo de grandiosidade jamais balance meu coração!”

Quando Tur, que não tinha

nenhum senso de justiça, ouve as palavras de seu irmão, se enfurece. Ele se levanta e agarra o trono dourado onde estava sentado e o atira contra a cabeça de Iraj. Iraj implora que ele conserve a vida dele e diz: “Você não tem medo de Deus, nenhuma vergonha ante a nosso pai? É essa a sua decisão? Não me mate, porque meu sangue estará sobre sua cabeça. Você tem uma alma, como pode dizer que vai tirar a alma de outrem? Tenha piedade das formigas que trabalham debaixo dos seus pés, porque elas têm almas e, para elas, as próprias almas são doces. Não se torne um assassino. Você nunca mais me verá. Eu ficarei contente com um canto do mundo, onde ganharei meu pão com minha tristeza. Como você pode querer derramar o sangue de seu irmão e atormentar o coração de seu pai com tal crime? Você queria o mundo e agora o tem. Não derrame meu sangue, se virando contra Deus.” Tur ouve essas palavras, mas nada responde. Ele saca uma adaga de sua bota e divide Iraj da cabeça aos pés, deixando seu corpo ve-

lado de sangue. Ele mergulha a adaga envenenada no tronco de seu irmão. O corpo de Iraj se dobrou, o nobre cipreste cai e os botões de sua face estão cobertos de sangue. É assim que o jovem príncipe morre.

Oh, mundo! Você o nutriu, mas não ofereceu nenhuma proteção quando seu irmão o deitou. Eu não sei quem você favorece secretamente, mas devemos chorar por tudo o que ouvimos e vemos. E você, que assassina reis, que vive com medo, aprenda sobre esses criminosos cuja lenda está ouvindo.

Feraydun está olhando para a estrada e as tropas estão olhando para ele, ansiosos pelo retorno do jovem rei. Quando é tempo dele voltar, seu pai prepara um trono turquesa para ele, além de uma coroa repleta de jóias incrustadas. Vinho e músicos estão prontos, tambores de guerra estão presos a elefantes e a cidade inteira está decorada. Enquanto Feraydun e sua tropa estão ocupados com essas preparações,

uma nuvem de poeira sobe na estrada. Dela, surge um camelo no qual está sentado um mensageiro lamentando-se e enlutado. Amarrado a um animal está um caixão. Esse homem cavalga em direção a Feraydun suspirando, chorando, com a face coberta de cinzas. Chocados com o comportamento deste homem, os companheiros do rei removeram a tampa do caixão e removeram a mortalha de seda dentro dele, revelando a cabeça cortada de Iraj. Feraydun cai de seu cavalo na poeira e os soldados rasgam suas roupas em pesar. Suas faces se escurecem, seus olhos se viram em desespero e apenas o branco é visto.

O retorno do príncipe dessa maneira causa confusão na festa de boas-vindas. Os estandartes são rasgados, os tambores virados de ponta-cabeça, a face dos nobres se torna da cor do ébano. Os elefantes e tambores são cobertos de panos pretos e os cavalos são enfeitados de panos azuis-escuro. O rei anda junto com seus soldados, jogando po-



eira em suas cabeças. Os nobres choravam de agonia e aflição, arranhando suas carnes enquanto estavam de luto pelo príncipe.

De coração partido, com seu rei gritando de agonia, a tropa foi até o jardim de Iraj. Ali o príncipe havia recebido admiradores e presidido festividades. Abraçando a cabeça de seu filho ao peito, Feraydun entra no jardim, chorando. Ele olha para o trono imperial e para a cabeça

de seu filho que nunca mais usará a coroa, olha para os jardins e para o lago real, para as árvores em botão, os salgueiros e os marmeleiros. Ele vê esse lugar de celebração e cerimônia sem a sua nobreza e uma nuvem de poeira sobe aos céus. Ele queima o jardim e arranha sua face, chora e arranca seus cabelos. Sua cintura está cheia de sangue. Ele espalha fogo por essas terras de prazer, arranca os canteiros, dá os ciprestes para as chamas e com

esse ato ele sela os olhos da felicidade. Ele deita a cabeça de Iraj em seus braços e vira a própria face a Deus. Ele diz: “Senhor da Justiça, olhe para esse inocente assassinado, sua cabeça cortada por uma adaga, seu corpo devorado por leões. Queima o coração de seus dois irmãos injustos e que eles não vejam mais nada a não ser tristezas em suas vidas. Queime seus órgãos vitais e faça com que sofram tal agonia que as bestas selvagens tenham piedade de seu sofrimento. Eu só peço que eu tenha mais um pouco de tempo, meu senhor, até que eu veja um filho da semente de Iraj, que vestirá este cinto de vingança. Quando eu tiver visto isso, é justo que eu me deite onde a terra for a medida para mim.

Ele chora tanto tempo dessa maneira que a grama cresce até o seu peito. A terra é a sua cama e a poeira o seu travesseiro. O mundo iluminado é escurecido diante dele. As portas da corte estão fechadas e Feraydun destrava sua língua, dizendo: “Meu jovem príncipe, meu no-

bre guerreiro, ninguém que já usou a coroa morreu como você: sua cabeça cortada por Ahriman, seu corpo foi amortalhado pela boca do leão. As bestas estão de luto por você e não conseguem descansar nem dormir. Todos os homens e todas as mulheres da Pérsia se reúnem e sentam-se, chorando. Seus olhos estão úmidos de lágrimas, seus corações cheios de tristeza. Eles trocam suas roupas para preto e azul, sentados, de luto pela morte de seu rei. Que dia!, quando toda a vida é morte.”

O tempo passa. No harém de Iraj, Feraydun percebe que uma de suas mulheres, chamada Mah-Afarid, quem Iraj amou profundamente, está grávida. O rei ficou feliz em descobrir o segredo dela, pois espera que essa criança seja a maneira de se vingar a morte de seu filho. Quando chega o tempo de seu parto, ela deu à luz uma menina, que cresceu em conforto e delicadeza. Se você pudesse olhar essa menina da cabeça aos pés, diria que era o próprio Iraj. Quando ela cresce

e chega o tempo de se casar, sua face é tão bonita quanto Canopo e seu cabelo tão negro quando o piche. Seu avô a prometeu a Pashang e, assim que o tempo correto passou, a casou.

Mah-Afarid dá à luz uma esplêndida criança, digna da coroa e do trono. Assim que o menino nasce, uma servente o leva a Feraydun e diz: “Boas novas, majestade! Olhe, aqui está Iraj!” O rei riu, pois era realmente Iraj que estava vivo novamente. Ele pegou a criança e rezou a Deus: “Que esse dia seja lembrado como um dia auspicioso e que os corações de nossos inimigos seja derrotados!” Então, ele olha para a criança e diz: “Nascido de uma mãe e um pai puros, um galho nobre rendeu frutos. Vinho transborda de um cálice esplêndido! Ele tem uma face clara e aberta (Mana-chehreh) e por isso seu nome será Manuchehr.” Feraydun faz com que a criança seja criada com tanto cuidado que os ventos dos céus nunca a tocaram. A ama que cuidava dele não pisava na terra: seus pés pisavam em almíscar e um guarda-sol de seda protegia sua cabeça.

Durante sua infância, nenhum mal alcançou Manuchehr vindo das estrelas. Feraydun o ensinou as artes da realeza e seu próprio

coração revive conforme Manuchehr cresce. As tropas favorecem o jovem. Assim, o rei dá a ele um trono dourado, uma maça pesada e uma coroa cravejada de turquesas. Ele entrega ao jovem as chaves de todos os seus tesouros e lhe dá de presente um quarto real feito inteiro de brocado em várias cores, dentro do qual há tendas de pele de leopardo. Ele lhe dá cavalos árabes com rédeas de ouro, espadas indianas com bainhas de ouro, armaduras e capacetes, arcos de Tchatch, arcos de álamo, javelins e escudos chineses. Ele o ama tanto que acha correto dar todos esses tesouros acumulados com tanto sofrimento a Manuchehr. Então, ele ordena que os campeões da tropa e os nobres da Pérsia venham até ele para aclamá-lo como rei e jogar esmeraldas sobre sua coroa. Grandes festividades são celebradas e torna-se claro quem são os lobos e quem são os cordeiros. Qaren, do clã Kaniani, lá está, assim como Shirui, o comandante das tropas e Andian. As tropas se reuniram e Manuchehr as conduz como o

seu rebanho.

Notícias que a coroa imperial brilha mais uma vez chegam a Salm e Tur. Seus corações injustos temeram que as estrelas estivessem se virando contra eles. Os dias dos malfeitores escureceram e eles se reúnem para conversar. Eles concordam que precisam remediar a situação e a única coisa que conseguem pensar é que devem enviar alguém a Feraydun para pedir desculpas por seu comportamento passado. Eles procuram um mensageiro que possa falar bem e de maneira sincera, o elogiando. Então, temendo o que o destino pudesse trazer para eles, eles abrem o tesouro do Ocidente e escolhem uma coroa dourada. Eles adornam elefantes ricamente e enchem carruagens de almíscar e âmbar-gris, ouro e moedas de prata, seda e peles. Quando tudo isso se encontra pronto, o mensageiro se apresenta a eles e se prepara para a viagem. Eles dizem a mensagem a Feraydun, começando com uma louvação a Deus e invocando bênçãos sobre

Feraydun, desejando a ele longa vida, riqueza e glória. Então, eles acrescentam: “Os olhos desses dois pecadores estão cobertos de lágrimas e vergonha perante seu pai. Seus corações queimam com arrependimento e eles imploram por perdão. Homens sábios dizem que um homem é punido por seus pecados, pois ele sofre e seu coração fica repleto de angústia. Diga ao rei que os corações estão atormentados dessa maneira, mas que esses eventos foram escritos em nossos destinos, eles dizem, e nossas ações não fizeram nada além de fazer acontecer o que estava escrito. Nem mesmo os leões que aterrorizam o mundo, nem os dragões, podem escapar à armadilha do destino. Então, um demônio mau e audacioso tirou todo o medo de Deus de nossos corações e fez de nossas mentes sua morada. Apesar de tudo isso, esperamos que o rei nos perdoe, apesar de nosso pecado ser grande, pois ele inscreverá nossos erros como ignorância, como os feitos do céu, que ora nos salvam e ora nos destróem, e como cul-

pa do demônio que corre pelo mundo e que está sempre pronto para toda travessura. Se o rei não quiser procurar vingança contra nós, nossos caminhos estarão purificados. Deixe que ele envie Manuchehr até nós, seus suplicantes, com uma tropa poderosa, para que nós possamos nos apresentar diante dele, a pé, como escravos. Que nós possamos lavar com as lágrimas de nossos olhos a árvore da vingança que cresceu de todo esse ódio. Já que a coroa foi renovada, nós nos apressamos para oferecer nossas lágrimas e sofrimento e enviamos tesouros como penhor de nossa boa fé.”

Com o coração repleto de palavras que nem rimavam e sequer faziam sentido, acompanhado de elefantes e tesouro, o mensageiro chega em esplendor à corte. Quando Feraydun sabe sobre a aproximação dele, ele ordena que o trono imperial seja revestido de brocado chinês e que a coroa Kaiânida esteja pronta. Ele senta no trono cravejado de turquesas como um cipreste coroadado pela lua cheia, vestindo a

coroa, os brincos e o colar como convém a um rei. O príncipe Manuchehr está sentado do seu lado, usando o diadema real. Os nobres da Pérsia estão alinhados aos seus lados, vestidos de ouro da cabeça aos pés, empunhando maças e escudos. Animais selvagens estão acorrentados ali com correntes douradas e coleiras, de um lado estão leões e leopardos, enquanto do outro estão elefantes de guerra.

O guerreiro Shapur deixa o castelo para receber o mensageiro de Salm, que desmonta e corre em direção à entrada. Quando ele se aproxima do rei Feraydun e o vê coroado, alto em seu trono, ele abaixa sua cabeça e coloca sua face contra o chão. O rei o move para um trono dourado e o mensageiro começa a falar: “Grande rei, ornamento da coroa, do trono e do selo real, cujo trono transforma o mundo em um jardim de rosas e cuja boa fortuna ilumina o ar, nós somos todos escravos da poeira que está debaixo dos seus pés. Nós vivemos somente para você!” O rei

sorriu para ele e lhe desejou boas-vindas. O mensageiro, então, repete a mensagem de Salm e de Tur, que esconde a verdade com mentiras. O rei escuta a sua fala fluente pedindo perdão para seus dois irmãos e sugerindo que Manuchehr os visite quando, como seus escravos, eles o receberiam e a ele entregariam suas coroas e tronos, pagando a dívida de sangue que eles deviam a seu pai com seda, ouro, coroas e cintos reais. O mensageiro fala e o rei ouve, mas sua resposta é como uma chave que abre uma fechadura.

Quando o rei do mundo termina de ouvir a mensagem de seus filhos malignos, ele responde ao mensageiro ponto a ponto. Ele diz: “Como você pode esconder o sol? Os feitos escondidos de seus corações malignos são mais claros que o sol no céu. Ouvi tudo o que vocês disseram, então agora prestem atenção à minha resposta.

Conte a esses dois desgraçados sem-vergonha, indignos e injus-

tos, malevolentes e sem limites que conversa fútil não serve para nada e eu não vou ceder a ela. Se eles sentem tamanho amor por Manuchehr agora, onde está o corpo de Iraj? Foi devorado por bestas selvagens e sua cabeça me foi enviada em um caixão. Agora que vocês terminaram com Iraj, pretendem começar com Manuchehr? Vocês só o verão acompanhado de uma tropa, com um capacete de ferro em sua cabeça, segurando a maça e o estandarte Kaviani sobre o chão escurecido pelo casco de seus cavalos. Ele terá o comandante Qaren consigo e Shapur, filho de Nastuh, irá comandar o flanco de suas tropas. Sarv, o rei do Iêmen, estará à frente para aconselhá-lo. Nós desejamos lavar as folhas e frutos da árvore da vingança com sangue. Anteriormente, não procuramos a vingança porque não acreditávamos que o tempo era propício, pois não seria adequado a mim lutar contra meus dois filhos. Mas, agora que um galho nobre nasceu da árvore que seus inimigos arrancaram, vocês encontrarão um leão selvagem

que busca vingança pela morte de seu avô, acompanhado de nossos campeões, Sam, filho de Nariman e Karshasp, que desce de Jamshid. Essas tropas se estendem de uma montanha à outra e golpeiam a terra debaixo de seus pés.

Sobre sua requisição que o rei livre-se de todos os pensamentos de vingança de seu coração e os perdoe, porque essa foi a vontade dos céus, porque sua sabedoria estava enevoada e seu coração escurecido, eu ouço todas essas desculpas fúteis e respondo com os dizeres de um sábio: ‘O homem que semeia as sementes do mal nunca terá um dia feliz nem sequer os prazeres do paraíso.’ Se Deus já lhes perdoou, por que temem o sangue de seu irmão? Vocês não têm vergonha perante Deus, com seus corações escurecidos e suas línguas cheias de palavras mentirosas? Vocês serão punidos nos dois mundos. Os seus atos não permanecerão ocultos. E mais, me enviando tronos de marfim, elefantes de guerra e uma coroa cravejada de

turquesa iria me fazer desistir de querer me vingar? Por um acaso eu vendo a vida dos príncipes por ouro? Talvez a cria de um dragão aceitasse preço por uma vida inestimável. Quem disse que um pai faria tal coisa com a vida de um filho? Eu não tenho necessidade da riqueza que me mandam e também não há necessidade de falar mais sobre esse assunto. Esse pai nunca cessará de buscar vingança enquanto ele viver. Eu ouvi sua mensagem, ouça a minha resposta!” Então, ao mensageiro, ele diz: “Diga a eles o que lhe disse, palavra a palavra! Agora, vá!”

O mensageiro ouve essas palavras aterrorizantes e observa Manuchehr sentado no trono. Ele murcha de medo e se levanta tremendo de sua cadeira e se senta na sela para partir. Esse jovem vê em sua alma tudo o que está destinado a acontecer e que não demoraria muito antes dos céus turvarem-se sobre Tur e Salm. Ele se apressa como o vento, sua mente cheia da resposta do rei e seu coração de maus-presságios.

Quando ele alcança o Ocidente, ele vê uma tenda de seda esticada na planície, onde os dois reis o esperam. Eles abrem espaço para que se sente e perguntam sobre o novo rei. Eles questionam o mensageiro sobre a coroa e o trono imperial, sobre o rei Feraydun e suas tropas, sobre os guerreiros guarneceados e sobre o estado do governo. Então eles questionam como o girar dos céus favoreceu Manuchehr, quem entre os nobres estava lá, quem era o vizir, o estado do tesouro e quem era o tesoureiro, quantos cavaleiros haviam e quem era seu líder, além de quem era o comandante das tropas.

O mensageiro diz: “Deixe que o homem que nunca viu as glórias da primavera veja a corte de Feraydun! É um lugar de prazer como o da primavera, um paraíso. A poeira lá é âmbar-gris, a terra é ouro. Os céus sorriem sobre seu palácio. Nenhuma montanha é tão alta, nenhum jardim é tão vasto. Conforme eu me aproximava, a cúpula do palácio parecia escondida entre as estre-

houdah: assento
que fica em cima
dos elefantes

las. Lá há elefantes amarrados de um lado, leões do outro, e o mundo inteiro se curva perante sua boa fortuna. Seus elefantes carregam houdahs dourados, as coleiras de seus leões são cravejadas de jóias. Tocadores de tambores ficam diante dos elefantes e o retumbar de trompetes de bronze pode ser ouvido por toda parte. O mundo parece ferver e a terra parece gritar aos céus! Eu entrei na corte e vi o rei tão radiante quando a lua, sentado em um trono de turquesa, sua coroa coberta de rubis brilhantes. Sua cabeça é branca como a cânfora e sua face é como pétalas de rosa. Seu coração busca a paz e suas palavras são doces. A esperança e o medo do mundo estão em suas mãos e você poderia dizer que Jamshid vive novamente sob sua forma. À sua direita senta-se Manuchehr, alto e elegante como um cipreste, nobre em seu coração e linguagem como Tahmures, o aprisionador de demônios. O guerreiro Qaren está diante dele e à sua esquerda está Sarv, o rei do Iêmen. Sarv é seu vizir e o vitorioso Karshap é seu tesoureiro.

Ninguém nunca viu tanta riqueza em seu tesouro. Duas filas de guerreiros protegem as muralhas do palácio, carregando maças de ouro e usando diademas dourados. Qaren, Andian, Shirui, o destruidor de leões, e Shapur, que é como um elefante de guerra em sua fúria, são seus comandantes. O ar se escurece quando os tambores de guerra são tocados de seus elefantes e, se eles nos atacarem, nossas montanhas irão ser esmagadas como uma planície e nossas planícies curvadas como montanhas. O coração deles está repleto de ódio, suas faces estão turvas e a guerra é seu único desejo.”

Ele conta aos dois tudo o que viu e as palavras que ele ouviu de Feraydun. Os corações dos dois criminosos se torcem de angústia e suas faces escurecem. Eles se sentam e buscam alguma solução, mas suas palavras não tem pé nem cabeça. Então Tur diz para Salm: “Nós devemos esquecer a paz e a tranquilidade. Aquela cria de leão não pode afiar seus dentes e se tornar corajoso. Como ele

poderia ser desprovido de talentos se seu professor é Feraydun? Quando avô e neto conspiram, algo extraordinário acontecerá. Nós devemos nos preparar para a guerra e compensar o tempo perdido.”

Eles reúnem forças da China e do Ocidente e conduzem sua cavalaria. O mundo fica cheio de rumores e homens concentram-se sob seus estandartes, mas, apesar de suas tropas serem infinitas, suas estrelas já estavam em declínio. As duas tropas vão em direção ao Irã. Seus soldados estão escondidos em capacetes e armaduras. Elefantes de guerra e riquezas acompanham os dois irmãos assassinos, cujos corações estão empenhados na destruição.

Feraydun recebe notícias de que as forças deles estão se aproximando da Pérsia e ordena Manuchehr a guiar suas tropas em direção às planícies. Ele diz: “Um homem jovem e de boa sorte ganha o dia pela paciência; a sabedoria irá capturar sua presa - ele permite que os leopardos o

sigam até onde ele já armou sua armadilha perspicaz.”

Manuchehr responde: “Grande rei, a sorte olha com desdém a quem se opuser a você com ódio em seu coração. O corpo e a alma deles serão separados um do outro em breve. Eu preparei minha armadura para a batalha com nós que eu não irei desatar até que a poeira da batalha tenha escurecido o sol. Eu desprezo todos os guerreiros deles. Como eles ousam lutar contra mim?”

Ele ordena que Qaren guie suas tropas. O pavilhão do rei é fincado na planície com o estandarte real agitando-se na frente dele. Os guerreiros avançam em blocos, tornando as planícies e as montanhas como ondas do mar. A poeira obscurece o sol e escurece até o dia luminoso. Gritos de guerra ensurdecedores sobem de todos os lados, os cavalos árabes relincham enquanto os tambores de guerra ressoam. Por duas milhas elefantes são trazidos para o acampamento; sessenta deles carregam tronos craveja-

dos de jóias, trezentos estão trazendo carregamentos de guerra, trezentos estão cobertos com armaduras de ferro e podemos ver apenas seus olhos. A tenda do rei está pronta e as tropas marcham para fora de Tammisheh. Trezentos mil cavaleiros armados guiados pelo belicoso Qaren, cada um como um leão furioso, ávidos para vingar a morte de Iraj, seguem o estandarte Kaviani com suas espadas brilhando em seus punhos. Manuchehr e Qaren saem das florestas de Narvan para liderar as tropas nas planícies abertas. O príncipe coloca Karshap no comando do flanco esquerdo enquanto Sam e Qobad ficam à direita. Brilhando mais que todos os outros, Manuchehr, acompanhado por Sarv, é tão esplêndido quanto a lua enquanto fica ao centro das tropas. Qaren e Sam sacam suas espadas das bainhas, Qobad guia as tropas e homens do clã de Taliman permanecem escondidos para emboscar o inimigo. As tropas, com seus guerreiros-leão e tambores retumbantes são tão esplêndidas como uma noiva em seu refina-

mento.

Salm e Tur descobrem que há uma tropa por perto buscando vingança e se preparando para a guerra. Os dois irmãos guiam suas tropas para fora das árvores e o sangue de seus fígados parecia sair de seus lábios como espuma. Os assassinos avançam com suas tropas, suas mentes preenchidas de ódio. Atrás deles está o mar e o território dos Alans. Qobad avança para espionar e quando Tur descobre isso, ele corre como o vento e diz a ele:

“Volte a Manuchehr e diga: ‘e quem concedeu essa armadura e essa espada a você? Você não tem pai. Da estirpe de Iraj nasceu uma menina. Quem foi que te entregou a maça que significa a soberania real, jovem rei? Quem lhe deu essa autoridade?’”

Qobad responde: “Não se preocupe. Eu levarei sua mensagem exatamente como você a disse. Mas, se você refletisse sobre ela longa e sabiamente, você saberia que é um assunto terrí-

vel esse que você está trazendo e você estaria com medo de dizer essas suas palavras tolas. Não se surpreenda se animais selvagens chorarem por você dia e noite, porque das florestas de Narvan até a China a terra está repleta de cavaleiros e guerreiros nossos, erguendo suas espadas toda vez que eles vêem o estandarte Kaviani. Seu coração e seu cérebro irão se partir em terror quando você os vir. Você não distinguirá os picos dessa terra de seus vales.

Qobad vai a seu rei e diz o que ele ouviu de Tur. Manuchehr ri e diz: “Apenas um tolo diria tais coisas. Devo agradecer ao deus deste mundo e do próximo, que sabe o que está visível o que está oculto, pois ele sabe que Iraj é meu avô e que o grande Feraydun é minha testemunha nisso. Quando eu lutar, minha linhagem estará clara o suficiente. Eu juro pelo poder do Deus do Sol e da Lua que eu não irei permitir que Tur governe por mais tempo. Em um piscar de olhos, eu irei apresentar sua cabeça decapada frente à minha tropa. Eu

irei me vingar pela morte de Iraj e esmagar o reinado de Tur sob meus pés.”

Manuchehr dá ordens de que mesas sejam preparadas para um banquete e que um lugar seja preparado para vinho e música. Quando cai a noite, ele envia sentinelas para a planície. Qaren está na frente das tropas com Sarv, o rei do Yemen, e assim fala com eles: “Nobres e leões leais ao rei, saibam que essa é uma guerra contra Ahriman. Permaneçam prontos e vivam com o conhecimento da proteção de Deus. Quem for morto nessa batalha será recebido no Paraíso e seus pecados serão lavados. Quem derramar o sangue desses guerreiros da China e do Oeste e tomar seu território terá seu nome vivo pra sempre e irá ganhar o elogio glorioso de nossos sacerdotes. A ele será dado um diadema e um trono de nosso rei, que é o senhor da força e o distribuidor da justiça. Quando o dia surgir e duas rondas da manhã tiverem passado, preparem-se para lutar. Aprontem suas maçãs e suas ada-

gas Kaboli. Permaneçam em seus lugares e garantam que ninguém avance antes dos outros.” Os comandantes se colocam na frente do rei e dizem a uma só voz: “Nós somos seus escravos e vivemos nesse mundo apenas para o rei. O que quer que ele ordene nós faremos imediatamente, pois ele fará dessa planície um Oxus de sangue.” Então, cada homem volta a sua própria tenda, meditando sobre a batalha vindoura.

Conforme a manhã aparece e a escuridão é dispersada, Manuchehr levanta por meio de suas forças, veste sua armadura, um capacete Rumi e segura sua espada. Como um homem só, as tropas levantam suas lanças ao ar. Eles cobrem a face da terra, suas cabeças repletas de fúria, suas testas franzidas. O rei posiciona habilmente o flanco e o centro das tropas. O chão parecia se elevar como um navio naufrago no mar, ou mesmo ferver como as águas do Nilo. Os tambores nas costas dos elefantes ressoam e mais tambores ressoam atrás deles. O som dos trompetes res-

soa como se a batalha fosse uma celebração. As tropas se movem para frente como uma montanha e os dois lados se encontram em combate. A planície se torna um mar de sangue, como se tulipas vermelhas tivessem aparecido por toda parte e as patas dos elefantes brilham como pilares de coral. Até que a noite se aproxima, quando o sol desaparece, e toda a vantagem está com Manuchehr, porque a alma do mundo o ama.

Os corações de Tur e de Salm fervilham de fúria. Eles planejam uma emboscada e, assim que a noite se torna dia, os dois guerreiros mantêm suas tropas atrás e nenhum homem avança para a batalha. Quando metade do dia passa, com seus corações ainda plenos de ódio, eles tramam um plano inútil após o outro. Eles dizem: “Quando a noite chegar, nós vamos emboscá-los e cobrir as montanhas e planícies com seu sangue.”

A noite chega e o dia desaparece. A escuridão cobre a terra e

os dois irmãos injustos preparam seus soldados para um ataque noturno. Entretanto, os espiões de Manuchehr descobrem e correm para contar o que ouviram. Manuchehr entrega seus homens para Qaren, que leva três mil guerreiros corajosos e os esconde onde eles poderiam surpreender os inimigos.

Tur parte com cem mil guerreiros na escuridão da noite mas, quando se aproximam do acampamento, eles encontram as forças persas prontas para a guerra, segurando seus estandartes. Eles não tiveram outra opção a não ser atacar e o grito de guerra se levanta do meio deles. O céu se esconde na poeira da cavalaria e espadas brilham na noite como relâmpagos. Era como se o próprio ar estivesse em chamas, brilhando como diamantes e queimando o chão. O ruído das espadas ensurdece os guerreiros enquanto o fogo sobe aos céus. O rei ergue sua cabeça de onde esteve escondido enquanto esperava e Tur não consegue escapar. Ele puxa suas rédeas e

tenta escapar, enquanto o grito de seus soldados ecoam ao seu redor. Manuchehr vai atrás dele e, assim que se aproxima, atravessa uma lança em suas costas. A espada cai da mão de Tur e Manuchehr o levanta, tirando-o da sela e o atirando no chão. Naquele instante, Manucher corta a cabeça de Tur e deixa seu corpo para que os animais o devorem. Assim, ele retorna ao seu acampamento, sua mente repleta das reviravoltas do destino, que agora trazem prosperidade e depois trazem derrota.

Manuchehr escreve uma carta para Feraydun, contando como a batalha aconteceu. Ele começa invocando Deus, o senhor da justiça, da pureza e da retidão, que é a única proteção do homem contra a dificuldade, e invoca suas bênçãos a Feraydun, senhor da coroa e da maça, a quem pertence a justiça, a fé e a glória, de cuja boa fortuna toda a retidão se origina e de cujo trono toda a beleza e esplendor emanam. Ele continua: “Eu alcancei Turan e preparei nossas tropas para a

guerra. Lutamos três batalhas em dois dias, de noite e sob o sol brilhante. Eles tentaram um ataque noturno, mas nós estávamos prontos porque eu soube que eles tentariam isso como último recurso. Nós os emboscamos e com isso suas mãos agarraram apenas o ar. Quando Tur recuou, eu o persegui e atravessei uma lança nele, que furou sua armadura e depois, como o vento eu o levantei de sua sela e o atirei ao chão. Como a um monstro, eu cortei sua cabeça de seu corpo sem valor. Envio-lhe a cabeça dele, assim como ele enviou a do príncipe Iraj em um caixão dourado. Agora vou cuidar de Salm.”

Manuchehr envia um mensageiro ágil com a carta e quando o homem chega ao seu destino sua face estava repleta de vergonha e seus olhos de lágrimas, pois ele pensa como é possível mostrar a cabeça decepada do rei da China ao rei Persa, porque não importa quão mau um filho possa ser, ou quão ruins os seus crimes, o coração de um pai seria arrancado por tal visão. Apesar disso,

ele vem corajosamente diante de Feraydun e coloca diante dele a cabeça de Tur. Feraydun invoca bênçãos do senhor da justiça sobre Manuchehr.

Notícias sobre a batalha e sobre a escuridão que encobriu a lua alcançam Salm. Há um castelo atrás de suas forças, cujas muralhas alcançam o céu azul. É para lá que ele decide recuar enquanto observa como os eventos se desdobrariam. Qaren percebe que se Salm escapasse à batalha e alcansasse o castelo, ele seria um refúgio para ele, repleto de toda sorte de riquezas com suas muralhas de granito erguendo-se do mar e alcançando as nuvens para que não fossem ultrapassadas nem mesmo pela lendária Homa. Qaren decide correr e impedir que ele pudesse se refugiar.

Ele vai até o Rei Manuchehr e diz: “Se sua majestade desejar, e der autoridade e homens ao mais humilde de seus soldados, eu irei encurralar Salm, que poderá lutar contra nós ou tentar fugir. Eu irei precisar do estandarte real e

homa: outro nome para a ave que é a alma do mundo, a Simorgue.

do selo real de Tur. Com eles, irei tomar o castelo de Salm. Eu e o guerreiro Karshasp, na escuridão da noite, iremos lidar com esse assunto. Apenas não diga nada a ninguém.”

Quando o ar torna-se da cor do ébano, eles atam os tambores de guerra aos elefantes e os guerreiros se dirigem ao oceano. Qaren entrega o comando a Shirui e diz: “Eu irei em segredo até o comandante do castelo, fingindo ser um mensageiro. Eu irei mostrar o selo de Tur e, assim que eu estiver no castelo, irei revelar o estandarte real e sacar minha espada. Aproxime-se do castelo e meu grito será o sinal para o seu ataque.” As tropas aguardam perto do castelo, enquanto Qaren se adianta e mostra ao comandante do castelo o selo de Tur. Ele diz: “Eu venho de Tur, que me ordenou esquecer todos os pensamentos sobre conforto e viajar noite e dia até que eu alcançasse esse local, onde eu devo me unir à causa comum e tomar conta da defesa do castelo. Se Manuchehr enviar uma tropa aqui com seu

estandarte, eu devo guardar o castelo e, se possível, destruir suas forças.” Quando o comandante do castelo ouve essas palavras e vê o selo real de Tur, ele escancara os portões do castelo, acreditando no que ouve, sem malícia. Ele confia no estrangeiro e seu descuido custa o castelo e sua vida.

Quando o dia começa a surgir, Qaren desenrola o estandarte real, tão iluminado quanto a lua cheia, e lança seu grito como sinal para Shirui e seus guerreiros. Shirui alcança os portões do castelo, atacando os defensores coroados com sangue. De um lado, Qaren, e do outro, Shirui, acima o fogo relampejado das espadas, abaixo as águas do mar. Quando o sol chega ao seu cume, o castelo está alvoroçado e não se encontra o comandante de lá. É como se o próprio castelo estivesse desaparecido. Nenhum navio pode ser visto no mar. Tudo o que pode se ver é poeira subindo para as nuvens. O fogo brilha, o vento eleva o grito de clemência dos prisioneiros por miseri-

córdia e o sol desce do céu, o castelo indistinto da planície. Doze mil inimigos estão mortos e uma fumaça negra da cor do piche sobe do fogo. Toda a superfície do mar fica negra como o alcatrão e a planície é um rio de sangue.

Qaren chega a Manuchehr e conta sobre a batalha que lutou. Manuchehr o parabeniza, dizendo: “Que você viva sempre senhor de seu cavalo, de sua sela e de sua maça! Assim que você partiu outra tropa apareceu. Ouvi dizer que ela é comandada pelo guerreiro maligno Kakui, um demônio corajoso da tribo de Dezh Hukht, um neto de Zahhak. Ele atacou com cem mil guerreiros e cavalaria e matou alguns de meus guerreiros-leões. Agora, Salm pensa em atacar, porque seu aliado chegou. Eu ainda não o enfrentei no campo de batalha mas, quando ele atacar, eu saberei o que fazer com ele.”

Qaren responde: “Meu príncipe, quem pode se opor a você

em batalha? A pele de um leopardo divide-se de terror ao mero pensamento da batalha. Quem é esse Kakui, o que ele é? A sabedoria de meu coração e a pureza de minha mente irão moldar um esquema para lidar com ele e ninguém parecido com Kakui irá sair de Dezh Hukht novamente contra nós.”

Então, o toque dos trompetes e cornetas, o grito da cavalaria e o barulho dos tambores de guerra se fazem ouvir no acampamento. O ar fica da cor do piche, o chão da cor do ébano. É como se os diamantes estivessem vivos como línguas de fogo brilhando na escuridão. Gritos do vai e vem do combate soam de todos os lados e o ar está repleto de pena das flechas como a boca de um abutre. O sangue congela nas mãos dos guerreiros quando eles seguram as espadas, pois escorre das espadas escuras. A terra parece se mover como o mar revolto quando Kalui se lança à frente com seu grito de guerra na direção de Manuchehr, como um demônio. Os dois se encaram

como elefantes pesados, prontos para o combate. Kakui atira uma lança contra o corpo de Manuchehr e o capacete do rei se parte quando a ponta da lança atravessa sua armadura e expõe sua carne. Manuchehr atinge o pescoço de Kakui com sua espada e divide seu peitoral. Por meio dia esses dois homens encharcados de sangue lutam, até que o sol afunda no céu. Eles atacam como leopardos e seu sangue se mistura à poeira. A planície e a encosta da montanha estão inundadas de sangue. Agora, Manuchehr está cansado da batalha, mas ele acelerou seu cavalo com suas coxas e agarra Kakui pelo cinto, levantando o gigantesco guerreiro de sua sela e o atira no chão quente. Ele enfia sua espada no corpo de Kakui e assim a vida desse árabe teimoso, cuja mãe o guiou para este dia maligno, foi dispersa no vento.

A mente de Salm está limpa de todos os pensamentos de vingança. Ele e seus homens fogem para o castelo. As tropas de Manuchehr estão logo atrás deles,

mas o caminho estava tão entulhado de mortos e feridos que eles têm dificuldade em continuar. Montado em seu cavalo de guerra, o jovem rei está tomado de fúria. Ele arranca a armadura de seu cavalo para melhorar a velocidade e apressa sua montaria para dentro da poeira da tropa que foge. Ele se aproxima do rei do Ocidente e grita:

Seu desgraçado injusto, que matou seu próprio irmão, que deseja a coroa! A coroa vem até você. Eu a trouxe para você junto com seu trono. A árvore esplêndida que você plantou já cresceu. A recompensa de Feraydun espera por nossa soberania. Não fuja de mim, nobre senhor. A árvore que você plantou já deu frutos. Você verá os frutos servidos imediatamente: você os nutriu e fiou a seda do fio pelo qual sua vida maldita tudo traiu.

Conforme grita, ele cavalga, alcançando Salm. Manuchehr atinge o pescoço de Salm com sua espada de tal maneira que o corpo dele se divide em dois. Ele ordena que a cabeça seja espetada em uma lança e erguida às

nuvens. As tropas de Salm ficam impressionadas com a força do braço do rei e se dispersam como um rebanho sem pastor, vagando sem rumo em grupos pelas planícies, montanhas e cavernas. Um deles é um homem de grande eloquência. Eles pedem que ele vá a Manuchehr e diga: “Nós somos seus súditos e não pisamos na terra a não ser por sua ordem. Alguns de nós possuíam rebanhos, alguns fazendas e casas e fomos forçados a nos unir a essas tropas. Agora somos escravos do rei e nossos corações e almas estão repletos de amor por ele. Se ele desejar lutar contra nós e derramar nosso sangue, nos faltará força para resistirmos. Nós deitamos nossas cabeças inocentes ante o rei, por sua misericórdia. Ele pode fazer o que quiser conosco, já que ele é o senhor de nossas almas inocentes.

O homem sábio diz tudo isso e Manuchehr ouve, impressionado. Sua resposta é: “Eu menosprezo todos os desejos injustos e renuncio a tudo que é de Ahriman e não de Deus. Longe

de minha vista, que o mal atinja a todos os demônios. Sejam vocês meus inimigos ou meus aliados e benfeitores, o senhor da vitória me dá autoridade sobre vocês, e que os inocentes sejam separados dos malfeitores. Hoje é um dia de justiça, não há mais injustiça, e a cabeça de seus comandantes estão salvas. Sigam o caminho do amor e joguem fora suas armas.” Um arauto grita do pavilhão real: “Grandes campeões, cujos pensamentos são nobres, de agora em diante não derramem sangue sem pensar, já que aqueles que são tirânicos sofrem de um destino maligno.”

Os guerreiros inimigos colocam suas cabeças no chão e entregam suas armas, armaduras, capacetes, armaduras de cavalos, maças e espadas indianas ao filho de Pashang, empilhando-as na frente dele como uma montanha.

Manuchehr envia um mensageiro levando a cabeça do rei do Ocidente. Ele escreve uma carta a seu avô, descrevendo suas batalhas e as estratégias que usou.

Ele começa elogiando o Criador, de quem vem a vitória e a habilidade, sob cujo comando tudo o que é bom e mal acontece, aquele que garante todos os juramentos. Ele invocou suas bênçãos sobre o sábio Feraydun, o rei da terra, destruidor dos planos dos malignos, detentor do conhecimento e do *farr* divino. Ele continua: “Pela força do rei eu destruí os planos dos dois feiticeiros. Eu cortei suas cabeças e purifiquei a terra com o ferro de minha espada. Eu virei depois desta carta como o vento e narrarei tudo o que aconteceu.”

Ele ordena que o guerreiro Shirui que recolha os espólios de guerra em um lugar, carregasse-o em elefantes e levasse tudo ao rei. Ele ordena que os trompetes e os tambores de guerra de bronze sejam tocados e guia suas tropas do litoral próximo à fortaleza chinesa para a corte de Feraydun. Quando ele se aproxima de Tam-misheh, seu avô anseia vê-lo. O clangor dos trompetes soa e as tropas movimentam-se, atentas. Elefantes estão carregados de

tronos de turquesa e howdahs de ouro envoltos em brocado chinês, estandartes e belos artigos. O mundo brilhava em escarlate, dourado e púrpura. Como uma nuvem negra, as tropas marcham do mar de Gilan até Sari. Suas selas, escudos e cintos são de ouro e seus estribos de prata. Assim eles avançam, com elefantes e tesouro, para saudar o jovem príncipe. Homens de Gilan seguem as tropas. Eles são como leões, com colares dourados e cabelos pretos como o almíscar. Em frente ao rei há leões e elefantes seguidos de seus guerreiros.

Quando o estandarte de Feraydun aparece, as tropas de Manuchehr formam suas filas. O príncipe desmonta, como um broto que deu frutos novos. Ele beija o chão e faz sua reverência à coroa real, ao trono e ao sinete. Feraydun ordena que ele monte seu cavalo, o beija e acaricia sua face com sua mão. Então, Feraydun vira seu rosto aos céus e diz: “Grande senhor da Justiça, você disse: ‘Eu sou o senhor justo, o auxílio dos que são oprimi-

dos.' Você distribuiu a justiça e me ajudou, me concedendo essa coroa e o sinete imperial." Então, ele ordena que Manuchehr sente no trono real e vista a coroa. Shirui traz à corte a riqueza capturada. Feraydun ordena que seja distribuída aos soldados.

Fazendo isso, ele se dobra ao decreto do Destino -

A folha seca na árvore real.

Ele viveu sua vida de luto: lágrimas sem fim e pesar constante consumiram seus últimos anos.

Chorando, o grande rei diz: "O deleite de meu coração, os meus filhos, transformaram meu dia em uma noite sem fim -

Meus filhos assassinados miseravelmente na frente de meus olhos, já que todos os meus planos eram malignos e imprudentes..."

E assim, de coração partido, chorando pelo passado, ele viveu atormentado até que a Morte finalmente chegou.

Oh mundo, do fim ao fim irreal, não verdadeiro,

Nenhum homem sábio pode viver feliz em você -

Mas abençoado aquele cujos bons atos o trazem a fama;

Monarca ou escravo, ele deixa um duradouro nome.

I

Sonhei uma coisa que me surpreendeu muito: eu estava explicando a uma banca imaginal como se estudava as imagens e explicava a essas duas mulheres como eu tinha feito para ver as imagens. Elas ouviram atentamente: e eu também.

Eu dizia que era possível, conforme os meus olhos, olhar a mesma imagem de diversas maneiras.

Primeiro, o primeiro jeito que aprendi, foi observá-las como símbolos psicologizados de algo. E observava um prédio que estava ao contrário na paisagem. Eu dizia: para este olhar, o prédio é o corpo. Para compreender essa imagem, eu vou aprender sobre quem a criou, e preciso procurar na imagem os segredos dessa pessoa. O que as pessoas na janela estão fazendo, esta televisão que mostra um incêndio e no andar de cima uma pessoa que aguarda são parte do significado oculto do ser da pessoa, que se manifesta por esta imagem para que seja conhecido. Esse jeito de olhar então me diz: as pessoas são desconhe-

cidas de si mesmas e, mesmo que observem os sonhos atentamente, não poderão descobrir-se inteiras, porque há sempre algo misterioso que desconheço sobre mim e, como desconheço, não posso ver. Assim, a interpretação de sonhos me atira na direção oposta a da reconciliação com o meu eu, dizendo que eu me sei tão pouco que o que há de oculto em mim precisa se comunicar com imagens do sonho. E que existe uma profundidade em mim que, apesar de ser profunda, fala. Tenho a impressão de que ao alcançar-se o conhecimento de si, os sonhos cessariam. Assim, se a imagem for um material onírico, ela está falando para nós em uma linguagem que desconhecemos, e que entenderemos sempre muito pouco, forçando-a a redizer, reformar e gritar seus conteúdos recalçados, ou esquecidos...

Depois, trocava meu olho. Dizia: também posso dizer que esta imagem deste prédio é uma alegoria ou um emblema alquímico. Ele me fala sobre a transformação e a purificação. Ao mesmo tempo que ao observá-lo penso que não sou

iniciado na alquimia, tenho uma fé de que apenas por olhar esta imagem eu estarei trabalhando a mim e ao mundo para que eu obtenha o ouro alquímico, a pedra. Observando este prédio, precisarei destruí-lo e voltar a construí-lo. E também sei que, como nem os alquimistas poderiam compreender-se totalmente, sempre haverá um símbolo de algo que desconheço: nessas janelas, o fogo de um andar purifica o homem que está no andar de cima, como as imagens do Mutus Liber mudo e de caminhos de purificação. Essa imagem estará me mostrando um estágio da minha purificação, mas sempre esbarrarei na minha própria ignorância em ver o que não é. O que esta imagem ensina eu não saberei por completo e sinto que minha experiência alquímica de purificação se dará incompleta, ou perderei a matéria que estou trabalhando. E me tornarei um monstro? Há algo que está ao mesmo tempo atrás e na imagem, ela me diz como me tornar inteiro, mas não posso compreendê-la: ela fala pela linguagem dos que tiveram uma experiência de purificação real e que a escondi-

deram. Sei que eu estou em mim, neste momento, e que ao mesmo tempo minha alma está nesta imagem, e que as coisas todas estão em todas as coisas. Assim, sinto, não preciso buscar nada, pois tudo está em tudo e posso aprender sobre minha alma neste texto...

Troco meu olho: este prédio de cabeça para baixo pode ser uma imagem poderosa para a memória, uma imagem agente que se gravará no palco, no espaço da minha mente e me ensinará e me lembrará sobre coisas que não posso esquecer. Estará esse prédio me ensinando a não esquecer este sonho que tive? Tenho a sensação de que essas imagens gostariam de me lembrar de coisas que também não aprendi. Assim, a propaganda nazista ou a de margarina (que apontam na mesma direção) e o prédio de ponta-cabeça estão me ensinando coisas, bebendo das águas do imaginário, de todas as imagens e a relação entre as imagens que conheço, para me conduzir, me educar. Haveria, então, uma casta de pessoas (os jornalistas críticos?) que apontariam em

direção às imagens e revelariam esse sentido secreto (e malévolo) das imagens; e precisamos sempre nos apoiar e procurar estas pessoas que observam os pedaços que constróem o passado dessas imagens e o seu presente. E o que esta orquestra está querendo dizer. Também tenho uma outra sensação: de que durante esse tempo todo no qual estudei o belo horrível pelas literaturas românticas eu estava estudando não o horroroso que se torna (sadicamente? terrivelmente? monstruosamente? perversamente?) bonito, mas sim um grito das imagens para que sejam lembradas, um grito das imagens desgastadas em direção a sua permanência. Não me assusta que ao mesmo tempo eu encontre na pintura e literatura do século XIX tantas imagens de edifícios arruinados e esquecidos. Para mim, apontam na mesma direção. Teríamos, então, ao olhar para as imagens, sempre estar armados e perguntar: de onde você vem, e vem para me dizer o que? Quer me convencer do que, em seu silêncio? E para nós não haveria mais descanso...

Havia uma outra maneira, também, de olhar a imagem, e sobre esta eu ainda sei dizer pouco. Seria observá-la não com os olhos de carne, mas com os olhos de fogo. E estes olhos de fogo não poderiam ver apenas uma tabela de referências, uma imagem que quer dizer a outra, mas que possui uma melodia que atrai e movimenta outras imagens. Essa observação precisaria ser feita pelo espírito, e acho que posso chamá-la de contemplação (que não é apenas ficar parado diante de uma imagem, mas ao mesmo tempo é estar parado e em movimento diante de uma imagem, mas não é um movimento dos braços ou da boca que fala, mas do olho de fogo que vê). Ao mesmo tempo que uma imagem é, ela é novamente, mas ela não é. Ela seria a revelação, o contato, onde a matéria deste mundo encontra a matéria de outros mundos. Então eu precisaria procurar imagens que fossem tão finas que me revelassem o próprio outro mundo. E que forma teriam elas? As árvores da existência da Cabala, que são impressas em cartazes e emolduradas, mas não me dizem nada?

Formas geométricas? Imagens e sons? Imagens silenciosas? Imagens libertadas da perspectiva monoteísta? E por que não poderiam ser tão finas a ponto de revelar o deus único também? Poderiam. Nesse momento tenho um alívio, porque as imagens podem ser tão finas que revelarão a existência do que há. E ao mesmo tempo há o deus monoteísta e ao mesmo tempo há os deuses sem rosto e ao mesmo tempo não há deus nenhum. Então eu precisaria ser algo para poder descobrir o que esta imagem está me mostrando. Basicamente: ter fé de que as imagens são transparentes. Preciso ter fé mesmo para dizer que a imagem não diz nada a não ser atrocidades. Mas como se desperta o olho de fogo? Tenho a sensação de que ele precisa ser chamado de trás das imagens transparentes e isso nos atira num vale onde chamamos deus de acaso. E o despertar seria uma coincidência de algo com algo que (como um mistério) soará uma orquestra silenciosa. E a partir da qual será possível começar a ver. (e isso me parece importante e ao mesmo tempo cruel, porque

é preciso querer o desconhecido, o invisível, para que se possa vê-lo) e quem desconhece o desconhecido não o verá. E todo dia, às oito da noite, no prédio invertido, vai ligar a televisão em chamas ou olhar pela janela sem ver o fogo. Assim, há uma casta de adormecidos e uma casta de iniciados, mas iniciados no que?, no mistério que pode ter qualquer nome e que são vários. E assim há sempre um terror: adormecer...

II

O que o poeta persa diz sobre o primeiro homem a procurar a coroa da soberania sobre o mundo?

Diz com versos rimados, no fim do século X e próximo do XI, e narra desde a criação do primeiro reino no mundo até a conquista árabe, que traria, entre outras coisas, uma nova religião. A religião antiga da qual falamos se assemelha muito ao zoroastrismo: há um emanador de honra e justiça, Ahura Mazda, e sua força contrária, (e não opositora como num espelho, um inverso maligno: tanto quanto Ahura Mazda, o opositor também é uma unidade) que conhecemos como Ahriman. Quando pensamos na divindade cristã, temos um Deus, emanador de toda bondade, e sua ausência, que toma corpo como o Demônio. Nesse momento, precisamos pensar que esses elementos divinos, Ahura Mazda e Ahriman não se dão pela ausência do primeiro, mas, como diz uma imagem mística: a gota de bálsamo atravessou a mão e chegou do côncavo para o convexo. Podemos pensar, então, que são dois elementos que existem ao mesmo

Tanto Ahura Mazda quanto Ahriman são parte do Avesta.

O grupo ao qual me refiro é o OLHO - Laboratório de Estudos Audio-Visuais, na Faculdade de Educação, UNICAMP.

tempo e até no mesmo lugar, mas em outro lugar. Voltaremos a esse pensamento mais tarde.

De geração em geração, atravessamos reinados curtos e longos, de trinta a mil anos, contando como a pele de leopardo que envolve o rei se torna o brocado dourado bordado dos padrões árabes. Enquanto os épicos ocidentais narram basicamente uma geração, o Shahnameh conta a história do mundo, até seu eclipse, a derrota para os árabes.

Enquanto narro para meus colegas de orientação as histórias dos personagens, confundo-me com os nomes. Tento descobrir porque misturo o nome dos personagens, se sei com tantos detalhes os eventos: o rei que atira a pedra contra o demônio negro e o rei que manda cortar seu opositor na metade não deveriam ser misturados. Às vezes, culpei a memória. Amaldiçoei a leitura leve, da qual sou apóstolo (porque ler deveria ser para mim um algo misterioso) porque no final não fichei, não cataloguei nem desmembrei os personagens, não

procurei as marcas do tempo de hoje no tempo passado: li. Agora, depois de confundir os nomes, penso: esse livro narra a história dos reis persas, que na verdade são apenas um: o rei persa, o que recebe o livro, o que irá, observando as imagens e os textos, lembrar-se do mundo.

Quando Ferdowsi, o poeta, começa a escrever o livro, o império persa está sob o domínio dos Samanidas. Quando ele termina o poema, os turcos já haviam tomado o poder. Diz a lenda que o rei encomendara a Ferdowsi o mais lindo poema e, pelo poema, pagaria uma moeda de ouro por verso. Ferdowsi, que não era muito rico e precisava de dinheiro para pagar o dote de sua filha, aceitou a proposta do rei. Ao receber o poema de 50.000 linhas, o rei fica assustado e decide pagar a metade do valor a Ferdowsi, em moedas de prata. Quando Ferdowsi recebe o dinheiro, se entristece de tal maneira que decide ir ao barbeiro e à casa de banho, deixando metade do dinheiro em cada um desses lugares. É com essa imagem que co-

Falo das 1001 Noites, da Linguagem dos Pássaros, do Chacal e o Cão Mergulhador, o Gulistan, entre outros livros que se apresentam como compêndios de histórias curtas, quase aforismas místicos.

meçam muitos dos volumes ilustrados do Shahnameh: Ferdowsi, de cabeça baixa na casa de banho, rodeado de alguns serventes, des cansa.

Entretanto, o rei percebe o valor do poema logo ao começar a lê-lo. Ele decide reparar seu erro e, montando em seu cavalo, parte em direção à casa do poeta. Assim que o rei cruza os portões da cidade onde mora o poeta, o caixão de Ferdowsi o atravessa na outra direção.

Agora, enquanto eu escrevo, tento resolver um problema que a literatura persa que tive contato¹ me apresenta: como reunir as diversas histórias, seus djins, seus demônios, herdeiros e feitiços em uma única longa história, que valha-me 50.000 moedas de ouro?

O Shahnameh lança uma armadilha: irá me contar desde o começo do mundo até os dias de hoje. Assim, as histórias se sucedem sem que eu me preocupe, porque sei que tudo caminhará na direção de hoje. E este hoje estará reali-

nhado. Todo o texto se refaz porque o fim - que é hoje - o alinha, o termina, o costura.

(ouço Pasolini porque o conheço: o que eu ouviria se não soubesse o que ele disse?)

Traduzo um livro incompleto: a primeira parte, e sempre para mim a mais misteriosa, está incompleta. A tradução de Dick Davis, que está em inglês e é a que uso, ignora o início do poema, que enaltece Deus, o senhor da Sabedoria e da Alma, incompreensível, senhor de Saturno e das estrelas de noite, que dá luz à lua e a Vênus. Na edição que realizei do Shahnameh, tive de incluir trechos de outra tradução, pois penso que a introdução aponta em direções importantes para o entendimento da mística persa.

Isso me lembra outra idéia: o poema foi traduzido do persa para o inglês. E agora eu o traduzo para o português. Tenho consciência: o texto não passará incólume em minhas mãos, assim como não passou pelas mãos de Dick Davis, ain-

Ouço Pasolini dizendo que a vida é um plano-sequência que só é editado ao seu fim, da maneira que a pessoa que o edita deseja. Assim, o texto de Ferdowsi é o fim da história persa, e assim o realinha.

Não acredito na noção de texto original e nem nas disputas acerca da originalidade ou ancestralidade de um texto. Posso sempre recorrer a um texto mais antigo para revelar a farsa de outro: Gilgamesh destruiria a Arca de Noé se eu pudesse acreditar na noção de original. Como não consigo, a Arca e Gilgamesh convivem, pesados em uma balança imaterial. Ela será comentada mais tarde no texto.

da bem.

Uma das alterações que Dick Davis fez foi suprimir o início do poema, onde Ferdowsi narra a criação do mundo, dos quatro elementos, levanta algumas questões sobre os desígnios ocultos de Deus, exorta o profeta dos árabes (vale lembrar que agora, quando Ferdowsi termina o seu trabalho, é um rei turco quem está no poder). Ele também decidiu que usaria outra forma, ao invés do verso, para a tradução do Shahnameh. O poema foi escrito em persa em versos (couplets) heróicos. Entretanto, as histórias do Shahnameh sempre tiveram uma vida muito ativa, sendo contadas por bardos, contadores de histórias itinerantes chamados *naqqals*. Dessa maneira, a encarnação dessas histórias foi realizada em grande parte em prosa, somente em alguns episódios (fechamentos morais, momentos onde a narrativa deveria se tornar mais estética ou somente para salientar efeitos dramáticos ...) sendo narrada em verso. Essa forma é chamada de *prosimetrum*, que é uma forma comum para os persas

(podemos citar como exemplo o Gulistan, ou O Jardim das Rosas). Se quiséssemos alguns exemplares de *prosimetrum* para nós, os Rumi, Ocidentais, poderíamos citar La Vita Nuova de Dante e De Consolatione Philosophiae, de Boécio.

Da mesma maneira, Dick Davis também omitiu partes que considerou repetitivas. Quando lemos a Odisséia, por exemplo, muitas vezes a aurora é descrita como “a aurora com suas tranças douradas”. O Shahnameh também apresenta várias formas repetidas: dizer que os futuros e atuais reis são “altos como um cipreste coroado pela lua cheia” é, não somente uma imagem, mas também uma figura retórica, típica da prosa oral, que marca algumas descrições de maneira repetida para facilitar o trabalho daquele que irá contar a história. Auxiliará sua memória. E, para mim, fará uma certa amálgama entre todos os reis, transformando-os, em minha confusão, em apenas um rei.

Dick Davis traduz o Shahnameh inteiro; eu traduzo só seu primei-

Me refiro à edição brasileira pela Attar Editorial, traduzida por Omar Ali-Shah. Este livro é uma reunião de contos e alegorias para leitura sufi, ou seja, não pode ser lida sem a imaginação.

ro terço, da criação do mundo até o nascimento de Zal.

Quem quiser, pode dividir o livro em três partes: a parte *mítica*, que narra a criação do mundo, as descobertas dos reis (às vezes prometeicas, como a história de Hushang, que descobre o fogo e que é punido por orgulho), a luta entre a honra e a injustiça e a batalha entre tribos e povos. Após o nascimento de Rostam, a segunda parte, a que seria a parte *lendária*, narra as aventuras de Rostam, seus feitos, o governo dos incapazes sobre os bem-capacitados, as brigas familiares e o reinado de Kavus; a terceira parte, chamada *histórica*, narra a sucessão quase factual dos reis da Pérsia, antes da queda do império sob mãos árabes.

O poema narra a ascensão e queda de cinquenta monarcas (três deles são mulheres), passando de reinado a reinado. Isso não se dá de maneira homogênea: alguns reis recebem alguns versos, e outro, Kavus, por exemplo, recebe um terço do poema.

Se pensarmos como, no meio do século IX, um poema de 50.000 versos surge para contar a história mítica de seu povo, posso apontar algumas idéias.

Para termos uma noção da idade deste império, quando o poder passou dos gregos para os romanos, a Pérsia continuou quase constante. Sua conquista pelos árabes só se daria no século VII. Portanto, desde o século IV a.C. até esta derrota, a Pérsia se manteve. Um zoroastra da época narra a derrota desta maneira:

“... a fé estava arruinada e o Rei dos Reis morto como um cão... Eles roubaram a soberania dos Khosrows. Não por valor ou habilidade, mas por gozação e desdém eles a tomaram. Pela força eles tiram as mulheres de seus maridos e suas doces posses e jardins... Pense sobre a quantidade de mal que estes malditos lançaram sobre o mundo, e não há doença pior. O mundo é tomado de nós.”

A dinastia Umayyad (661-750) não considerou a cultura dos conquistados como relevante e tratou até aqueles que se convertessem

Traduzo da tradução de H.W. Bailey, uma passagem do “The Great Bundahishn, em seu “Zoroastrian Problems in the 9th Century Books”, 1943, p.195, citado por V. Minorsky em “Iranica”, 1964, p.257. Um texto passa de um para outro, de um autor para outro, e assim conto para você o que descobri; recolhi pedaços; às vezes tenho vontade de ler mais, e caminho pelas dicas ou lampejos que aparecem. Sobre esses lampejos, escreveremos mais tarde.

ao islã como cidadãos de segunda classe. Os Abássidas, que sucederam os Umaiyyads aproximadamente em 750 através de revolta, moveram a capital para Bagdá, muito próxima das ruínas da capital Sassaniana de Ctesiphon. Eles eram abertamente sunitas e se aproximavam da cultura persa. Apesar de haver uma capital, o governo se dava de forma local, com três regiões principais, governadas por três grupos diferentes. No século X, ao oeste governavam os *Buyidas*, uma dinastia que dizia descender dos Sassânios, revivendo o título de “Rei dos Reis” que, através de alianças culturais, tentavam se diferenciar dos Abássidas. Eram particularmente xiitas, mas sua corte celebrava os festivais zoroastras. O nordeste era governado pelos Samânidas, uma dinastia culturalmente sofisticada que se dizia descendente de Bahram Chubineh, um general Sassaniano que Ferdowsi elogia. Digo culturalmente sofisticada porque promove uma renascença do saber persa, comissionando traduções e criando certo interesse antiquário no passado do reino. Exatamente

por isso se diziam estar com direito de governar. Essa dinastia usava o novo persa (a língua desenvolvida após a conquista árabe) ao invés do árabe como língua de corte. Por esse motivo, poesia e literatura em persa começam a aparecer na região de Khorasam e Transoxiana.

Ferdowsi nasce em 940, sob o comando dos Samânidas, perto da cidade de Tus. Nessa atmosfera de renascimento da cultura persa, Ferdowsi encontra incentivo para escrever sobre a história do mundo - que é a história dos persas. Ele pode ter tido como fontes materiais escritos e orais; diziam que Bagdá era o maior centro editorial do mundo.

É também importante dizer que, desde o século V a.C até aproximadamente a derrota dos persas pelos árabes no século VII d.C, o grande movimento religioso era o dos Parsis, que deixaram um livro: o Avesta. Alguns personagens de sua poesia Ferdowsi retira das narrativas do Avesta, como o próprio Ahriman como força destruidora,

Consulto uma edição transcrita do Avesta de 1879 que consegui por meio digital, uma vez que a edição se encontra esgotada.

Essa análise histórica e mitológica retiro da própria tradução de Dick Davis, que cria um panorama da história do império persa antes da tomada pelos árabes. Escolho essa interpretação como um artifício e com ele costuro o texto.

o primeiro opositor de Kayumars; particularmente, Ferdowsi toma do Avesta os reis que figuram no trecho do texto que traduzi.

Há algumas outras referências. Por exemplo, Jamshid é identificado com Yama, hindu, o Senhor do Submundo. Esse paralelo se dá entre duas culturas orientais, muito próximas neste sentido; mas há também comparações entre a história de Jamshid e de Zahhak com o mito prometeico: o rei que vai introduzir as artes da civilização à humanidade é exatamente aquele que será partido ao meio e destronado pela sua contraparte, Zahhak, o rei que possui duas serpentes em seus ombros. Desta maneira, podemos perceber um paralelo numérico entre Jamshid e Zahhak dado pelo número *dois*. Nessa balança invisível, Zahhak divide Jamshid como a si; nessa balança invisível, podemos pensar diversas imagens. Quando essa oportunidade de interpretar aparece, é importante não optarmos por uma interpretação (ou imaginação) que paire sobre as outras: todas convivem, ao mesmo tem-

po, desiguais.

Há também alguns paralelos políticos que podemos demarcar, como a soberania. Os Sassanianos acreditam que o rei está ligado à religião e à sanção divina, o elevando a um estado semi-divino como representante de Deus na terra que vem, em muito, das dinastias Babilônicas pré-iranianas. Essa noção de soberania prevalece no início do poema, mas se entrelaça a uma outra noção: de que o rei deve ser aclamado, deve ser aprovado por seus pares, que pode ser substituído se tornar-se incompetente e que, principalmente, governa por conta de suas habilidades e pela permissão dos nobres. Durante o poema, algumas vezes os reis “abdicam” de seu poder e isso parece estar ligado a essa noção de soberania.

Estou tecendo para que depois eu possa puxar o fio e tudo o que eu disser, desdizer. Tudo que digo pode ser contradito por mim mesmo. Atravessaremos como uma

Cito como lembrança o filme Marat-Sade de Peter Brook. Sade conversa com Marat sobre a inutilidade da revolução.

gota de bálsamo a palma da mão e tudo será outro.

Se eu não tivesse gasto todo o meu tempo me construindo e depois destruindo, eu poderia ter ou ser algo mais concreto ou inteiro ou poderia... *o quanto eu poderia ter feito se não tivesse passado tanto tempo destruindo tudo o que faço!*

Conforme leio e escrevo, consulto também alguns textos sobre a gnose. Menciono isso porque, algumas vezes digo que só li, durante toda a minha vida (digo com leveza), aquilo que disse respeito a mim. Procurei nos textos da graduação aquilo que me falaria sobre mim. Que apontaria com o dedo invisível e haveria aquela sinfonia silenciosa (que é como uma cor). Não me lembro do que li e que nada me disse sobre mim. Esqueço-me do nome dos autores e daquilo que foi consagrado. Me perguntaram sobre o que estudei e descobri que estudei a mim. Egoísta, nada mais me importa nos livros. (estou no mundo. e

se descubro algum segredo sobre mim, descubro um segredo sobre o mundo. só posso ver aquilo que sou.)

(quem não ficaria inseguro, sabendo que tudo o que constrói será destruído por si mesmo?)

O poço está cheio de sangue, e não há água.

Mohammed disse: Creio que é porque Ali, cheio da dor que experimenta, contou seus segredos a este poço.

Sobre este tema, recomendo Psicologia e Alquimia, de Jung, e O Deus Exilado, de Marília Fiorillo. As referências completas se encontram na bibliografia.

ATTAR, Farid ud-Din. A Linguagem dos Pássaros. Attar Editorial. São Paulo: 1991. Página 29

III

A maioria das histórias que li neste trecho do livro seguem uma estrutura que conhecemos bem. Há um rei e um equilíbrio. Então, algo se perde pelas mãos de um antagonista. Há uma separação em dois grupos e quem sofreu a injustiça deseja se vingar. Após a redenção desse injustiçado, mesmo sendo dolorosa, há um novo equilíbrio.

Essa estrutura às vezes me lembra a de fábulas infantis, tanto as que emigraram das Mil e uma noites em direção aos livros aquarelados de antes de dormir até as feitas pelos franceses e que terminam em morais secretas. Preciso, então, tomar muito cuidado ao narrar essas histórias: quando começo a contar a história, facilmente transformo os eventos em trechos de fábulas que apontam para o maravilhoso. A narrativa de Ferdowsi colabora, nesse sentido, porque este primeiro terço do poema é atirado nos tempos imemoriais, nos reis do passado e nos fundamentos da civilização, não importando exatamente sua ordem factual. O que há é um lu-

Falo dos contos popularizados por programas de televisão, pelos livros infantis...

Penso isso porque, após o nascimento de Rostam, os reis começam a ser cada vez mais repletos de defeitos, humanidades e mesquinahrias. Deus estaria já partindo e também abandonando o império persa, como fez o deus exilado? Ao mesmo tempo, o pensamento existe de outra maneira: pode ser o imaginar do passado que traz deus para perto.

gar literário que eu chamaria de Além da Memória, ou Início dos Tempos, ou Tempos Paradisiacos.

Ferdowsi retrata as antigas cortes realmente como *jardins paradisiacos*: são tão unos com o rei que suas histórias não aparecem. São como figurantes, montados em elefantes dourados ou carregando armaduras e brocados Rumi, ocidentais, figurantes que são desdobramentos do rei. É como se houvesse um paraíso abaixo do paraíso, um literal paraíso terreno que os reis, através da honra e feitos justos, tentam manter. Mesmo quando Jamshid é destronado e mil anos se passam sob o reino de Zahhak, o paraíso aparece quando, após a revolução, Feraydun toma o poder. Entretanto, a sensação é que cada vez que o *farr* real passa de uma pessoa para outra, ele enfraquece um pouco.

Anoto algumas questões sobre o *farr*, essa emanção divina sobre os reis. Ele é como um fogo que envolve a face de um escolhido por Deus, uma aura de beleza e realza naturais, uma manifes-

tação física que brilha da face do escolhido. Essa bênção não segue necessariamente a descendência cosangüínea, mas sim por valor e capricho divino.

Digo capricho porque Zal, o filho albino de Sam, não tem relação cosangüínea com a realza do governo central mas apresenta o *farr*. Sam parece ser um dos governantes locais que povoam a Pérsia. Temendo ser mal-falado, abandona seu filho de cabelos brancos num rochedo, que é criado pela Simorgue em seu ninho.

Há alguns momentos em que o extraordinário entra na narrativa, e li estes trechos com muito carinho (dada a minha predisposição a procurar o sobrenatural como uma chave de entrada no mundo místico). Também posso dizer que procurei sentido místico durante a leitura do Shahnameh, encontrando poucas pistas de como a contemplação pelos olhos de fogo se daria. As imagens metafóricas ou maravilhosas, tanto usadas pelos gnósticos, quase não aparecem nesse relato poético, mas realista,

Cito Marília Fiorillo em seu O Deus Exilado.

da história do mundo.

Em relação a este capítulo especificamente, a história de Zal e o pássaro maravilhoso, Simorgh, encontraremos a mesma história narrada por outro autor, Sohrawardi. A história adquire um outro peso e de outra maneira toca o místico.

Apóio-me em Henry Corbin. Ele criou um trabalho de interpretação sobre a gnose persa e islâmica que tem um *tom* muito interessante: tanto ele quanto Marília Fiorillo chamam este tom de *gnose*.

Ambos me avisam sobre o perigo de falar desse assunto, apontando como também eles não quiseram dever explicações aos catalogadores de conceitos. Gostaria de me permitir, também, essa liberdade, tratando a gnose como um fenômeno que se perpetua de século em século, de religião em religião, de mística em mística, e está ligada essencialmente ao conhecer e interpretar, imaginar.

É importante pensarmos, conforme diz Corbin, nos dois olhos possíveis: um olho de carne, que pertence à ciência, e um olho de fogo, que observa o mundo, os mundos, de maneira diferente. Este olho de fogo aponta na direção de uma metamorfose, de uma mutação interior do homem. Uma maneira básica de dizer: entender o drama da queda para fora do mundo da Luz, o exílio, o combate contra o mundo da cegueira e da ignorância e a redenção final.

Portanto, ela não pode ser dogmática. E preciso ter cuidado ao contar para você o que descobri sobre gnose, porque ela não deve ser um saber teórico. Ela é um crer. A gnose poderia ser, então, um conhecimento que muda e transforma o conhecedor. Seria como um terceiro verbo que baliza saber e crer, estando dentro dos dois, e que habita o mundo imaginal.

Haveria o conhecimento intelectual, o conhecimento dos dados da fé e o conhecimento proporcionado por essa visão interior,

nas imagens que lhes sejam familiares. Isso tiramos da introdução que ele mesmo escreve para seu livro *A Água e os Sonhos*

Ojos de Fuego, de 1978.

Também fica como referência tantos textos alquímicos, que idealizam essa mesma mutação interior do homem.

Shahab al-Din Suhrawardi, poeta e místico persa do século XII.

Particularmente no texto *Ojos de Carne y Ojos de Fuego*, de 1978.

Podemos citar tantos outros pesquisadores como por exemplo Gaston Bachelard, que diz que imaginar não é associar imagens, mas modificá-las, deixando as imagens primeiro ecoar nas profundezas para que depois seus ecos reverberem

As palavras são 'aql, naql e kashf. Escondo as palavras nas minhas anotações de rodapé porque tenho certa vergonha de serem palavras estrangeiras e não gosto de incorrer em filologia.

essa revelação intuitiva. Em árabe, há três palavras para esses conhecimentos.

Seu modo de exposição, diz também Corbin, é narrativo.¹ O gnóstico é um estrangeiro aprisionado neste mundo, mas tem como missão ajudar a libertar outros prisioneiros.

Prefiro, agora, não desarmar as armadilhas que já estão feitas sobre mencionar em um texto acadêmico a palavra gnose. Pareceria, para mim, que eu iria gastar toda a força que tenho em me defender de acusações, ao invés de contemplar. Mas aponto uma direção aliviadora: há quem diga que o racionalismo é insuficiente para explicar o mundo e o homem, e tendem a reencontrar uma visão do mundo remetendo-se a cosmologias tradicionais. Eu mesmo fiz o mesmo caminho: me interessei pelo Shahnameh porque ele traria uma cosmogonia diferente do "Fiat Lux" que conheço.

Poderíamos, então, pensar (ainda de maneira tímida): haveria um

renascimento da gnose? Corbin se preocupa além disso, também: se o sepultamento da gnose foi uma grande catástrofe, como impedir que ela seja usurpada novamente? e eu penso: se o capitalismo (ouvi dizer) se alimenta de seus mortos e, integrando a si, destrói, como fazer com que a gnose não seja também "assimilada" pela venda e compra de mercadorias, dissolvendo-se?

Dois herboristas decidiram competir para saber qual era o melhor. No dia do conflito, o primeiro herborista oferece um veneno terrível ao segundo herborista. Este toma o veneno e em seguida toma um antídoto poderosíssimo. Todos ficam estarecidos porque o segundo herborista não sofreu nada e imaginam como ele revidaria. O segundo herborista, então, chama o primeiro herborista mais perto e lhe entrega uma flor. O primeiro herborista então cai, imóvel, no chão.

Talvez seja uma discussão já muito caminhada, mas não seriam os livros de auto-ajuda um apontamento na direção da dissolução da gnose?

ao invés de procurar as semelhanças e resumir, preciso complicar, porque só assim algo existe.

Às vezes os encontro vestidos de homens. Parados, observam com seus olhos negros. Se misturam às rochas. Caminham uns com os outros por cima das águas, por baixo das águas, por cima das árvores em forma de nuvens. Estão ora em círculo na corte dos imperadores, ora furiosos devorando os Divs enquanto os anjos com asas negras, azuis, vermelhas e brancas carregam as armas.

É preciso ver com os olhos de fogo. Precisarei me dobrar e ouvir o que cada imagem chama.

Os homens estão vestidos de panteras. Camuflados, se misturam aos animais que atacam com as bocas abertas os demônios que se protegem com as mãos desarmadas. Os homens e os anjos carregam armas. Um homem toca o chifre de um animal e isso enlouquece os lobos. Os homens e os anjos e os Div se vestem com as mesmas cores: azul, vermelho, branco, marrom, preto. Eles usam tornozeleiras, braceletes e brincos.

Um homem açoita um Div com uma vara. O Div está desarmado e se apóia no chão com uma das mãos. A outra mão protege seu rosto.

Do lado direito estão os homens. Qual a cidade que mora do lado direito? Do lado esquerdo estão os Div. Qual a cidade que mora do lado esquerdo? Talvez eu não deva me ater a esses simbolismos: o que está do lado esquerdo quer dizer. Talvez não queira dizer. O que posso dizer: as rochas se vestem da mesma cor que os anjos.

Alguns animais se escondem nas rochas. Vejo lobos de boca aberta. Há duas cabras atrás de uma pedra. Um macho e uma fêmea, cada um olha para um lado.

Enquanto os Divs e os homens e os animais batalham, os pássaros aguardam em revoada acima dos anjos. As árvores floridas alcançam o céu.

Descubro outra coisa que me incomoda. Observo tudo isso, e

tudo o que digo existe. Ao mesmo tempo, posso ver apenas uma ilustração de um trecho do Shah-nameh. Percebo uma maciez: estas imagens me permitem que eu as observe. Talvez eu queira apenas fazer isso. Olhar. Um anjo se aproxima de um Div desarmado, caído no chão, enquanto segura uma espada por cima de sua cabeça. Anjos cruéis, penso. Homens também.

Temo. Compreendo meu medo. Essas imagens devem existir em dois mundos, ao mesmo tempo. Me aproximo agora do primeiro, pois estou exausto. Quero que as árvores que estão acima das letras e acima dos Div e acima dos homens e anjos sejam somente árvores. Em uma paz incrível: veja, os pássaros moram ali. Isso só pode ser um bom sinal.

Alguns pássaros se vestem da cor dos anjos. Outros, apenas de cinza. O que está em cima está embaixo: disso já sei. Que mais posso ver, que ainda não sei? Peço intimamente que eu fique calado. Os homens também não falam:

mantém a boca fechada.

Dois leões mordem um Div negro. Seus corpos formam um ying-yang. Será que precisarei me despir dos símbolos que conheço? Talvez se eu me calasse eu visse as forças dos símbolos na ausência do nome dos símbolos.

Um anjo está sobre os ombros de um homem coroadado sobre um cavalo. Suas asas são como chamas. Será ele um bom conselheiro? Que estará pensando a criatura coroadada para que seu anjo tenha asas de fogo? Olham na mesma direção. O homem aponta com uma das mãos para o anjo. O anjo aponta com uma das mãos para o homem.

Por enquanto, terei paciência. O que os animais vêm me contar está confuso. Não quero separá-los e aprisioná-los. E me compadeço com os Div. Quero os que fugiram dos bestiários. Folheio um bestiário. Simorgue, com seu nome e asas, foge. Terei a crueldade de um zoológico particular exótico? Farei ao contrário: libertos no mundo, desejo que me visi-

tem, e partam. Não façam de mim
sua morada. Nem desejo a compa-
nhia dos anjos: suas asas são feitas
de fogo.

IV

Descubro a introdução que Dick Davis omitiu de sua tradução.

Para ouvir, precisamos de uma chave. Essa chave, não sabemos quem nos dá, mas precisamos compreender que há algo além do que se diz. E não é um além secreto, nem um além codificado: simplesmente o texto, ao ser tocado com essa chave, transforma-se do côncavo para o convexo.

Tomo conhecimento dessa chave através dos textos de Sohravardi, um homem nascido na mesma região de Ferdowsi e que conheceu o texto que traduzo. Ele, à partir do que leu, escreveu textos revelados, onde nos fala, em forma de narrativa, sobre o que encontrou enquanto estava caminhando.

Certa vez, estava caminhando e encontrou um anjo com uma asa escura e uma asa clara. O lugar onde está: o deserto entre o Ocidente e o Oriente.

Fisicamente, não há deserto algum entre o Ocidente e o Oriente. Não estamos falando de lugares geográficos. Esses lugares não poderão ser vistos com os olhos. Ao menos não com os olhos de carne.

No mundo dos olhos de carne, você não enxerga dois corpos ao mesmo tempo no mesmo lugar. O que está em cima não está abaixo. Nesse mundo, que chamamos de imaginal, a simultaneidade é a regra. Para entendermos, é fácil encontrar um exemplo: ao olhar para uma constelação no céu, vemos as estrelas e vemos outra coisa.

Esse mundo imaginal é um mundo que está entre o mundo da percepção e o mundo angélico. Como os anjos não mudam, esse mundo é imóvel. Posso dizer assim: ao ver as estrelas, você é testemunha delas. Isso pertence ao primeiro mundo. No terceiro mundo, você sabe o que são estrelas e percebe seu movimento, você vê as estrelas com os olhos das estrelas. No mundo imaginal, você é a estrela. Mas isso é vago. É porque não basta aplicar uma teo-

ria para descobrir o enigma. Esse peregrino desperta e percebe que o acontecimento é nele que acontece, e a realidade existe nele.

Esse relato místico em primeira pessoa não precisa ser demonstrado, nem testado. Ele precisa apenas ser dito. Nós precisaremos da chave, o *talwil*.

Agora que sabemos que nas coisas estou eu, ao procurar no relato o acontecimento da alma, você encontrará a verdade e a realidade para você. Mas não estou falando de um você duro e imóvel, ele escapou ao subjetivismo. É um você que somos nós. E isso é caminhar em direção ao Oriente da alma, onde nasce o sol, do outro lado onde está o Ocidente, o lugar da sombra.

Esse relato é o próprio testemunho do que se viu.

Esse testemunho é fugidio. Eu vi. Juro que vi. Li e pensei. Estive nesses lugares. Agora, que quero contar, os lugares estão nítidos, mas como dizê-los?

Chama-se esse
Oriente de *Malakut*

Talvez encontre-se mais informações na Linguagem dos Pássaros, de Ferid ud-Din Attar. Mas você terá de escapar dos 10 carcereiros antes de começar a busca.

Kaos, Irmãos Taviani, “L’Altro Figlio”

Caminhar em direção ao Oriente reconduz o peregrino à sua origem. Ouvi dizer que teremos de atravessar sete céus e depois o oitavo clima, onde existem as cidades da fronteira. Se você for um pássaro, terá de atravessar outros lugares, vales. O primeiro é o vale da busca. Vou revelar o segredo: são sete, um deles é infinito. Todos os que tentaram atravessar os vales se perderam, então não temos notícias.

caros filhos meus,

*Ihes escrevo desse vale de lágrimas
para sua bela terra de ouro.*

Essa estrutura de três mundos nós já conhecemos muito bem. Dizem platônica. Mas ela foge de um conceito, primeiro porque não é uma teoria, e sim um relato, e depois porque a simultaneidade permite que ela seja também.

De onde veio o anjo que en-

contra quem nos conta a história? Para lá de *Qaf*, essa montanha onde você também esteve. Mas agora você está aqui, preso pelos dez carcereiros, os cinco sentidos externos e os cinco internos. Lá em cima, ou lá dentro, começa o mundo imaginal. Essa montanha também tem outros nomes: Alborz ou Haraiti Bareza. Geograficamente, ela fica nas montanhas ao norte do Irã. Mas estamos falando ao mesmo tempo da montanha que circunda o mundo. O anjo nos conta que essa montanha é ao mesmo tempo nove, que são as esferas celestes (do céu e a lua até a esfera das esferas).

Como chegamos lá? O anjo nos conta que, para nós, será muito difícil sair das duas primeiras esferas, que são os elementos e a maneira que eles condicionam nossa maneira de perceber.

Não importa o quão longe você vá e nem por quanto tempo, porque você voltará ao mesmo lugar de onde saiu.

Para atravessar essas mon-

Por isso o que escrevo eu apago, o que digo eu desfaço, dentro do que escrevo está o seu contrário.

E aqui está você de volta ao texto. Mas diferente.

tanhas, não adianta querer usar modos grandiosos. É preciso ser como uma gota de bálsamo na palma da mão que, exposta ao sol até que fique bem quente, atravessa a mão.

A terceira esfera é o reino da lua e é o começo do deserto, onde Zal é abandonado por seu pai.

Essa terceira esfera é iluminada pela árvore Tuba, que reflete a luz do Sol. Os habitantes do paraíso, ao pensarem no que querem, vêem em seus galhos seus desejos naquele momento. No alto dessa árvore, mora um pássaro: o Simorgue. Ele também é conhecido, no Avesta, como Saena Meregha, que é feminino. Uma ave. Essa ave pode ser o que quisermos que seja: olharemos e entenderemos o que será narrado, e, assim, com a imaginação, desvendaremos. Caso contrário, será apenas mais uma ave do paraíso.

Seu canto desperta aqueles que estão adormecidos. Ele voa enquanto imóvel e enquanto voa não cruza nenhuma distância. Se

aproxima, mas não há separação. Ela possui todas as matizes, mas não tem cor nenhuma. Mora no Oriente, mas não está ausente do Ocidente. Está envolvida em tudo, mas não depende de nada. Todo o conhecimento deriva deste pássaro e o som de todos os instrumentos musicais emanam dele. Seu alimento é o fogo.

Às vezes, ela é o espírito santo ou a pomba, e também já foi a alma do mundo. A alma e as almas, porque já sabemos que a Simorgue são trinta pássaros.

Trinta não deve ser lido como um numeral cardinal. É obviamente um número. Mas esse número está numa balança invisível, que faz a correspondência entre o visível e o invisível, entre a hierarquia esotérica e sua correspondência cósmica. É nessa mesma balança que se encontra esse mapa do entendimento do mundo do qual estamos falando. O conhecimento e sua correspondência invisível. Essa balança me ensina alguns segredos. O quatro está no visível, enquanto o três é o invisível. Ex-

Isso está no *Incantation of the Simurgh*, de Shihrawardi.

Há um segredo no nome Simorgue. Em persa, Simurgh pode ser lido como duas palavras distintas, Si-murgh, que significa “trinta pássaros”. Attar usou esse segredo em seu *A Linguagem dos Pássaros*.

Percebe que você já despertou novamente.

plico o três: o ajudante, o socorro. Ele é auxiliado por outros dois, dois Imans, um que fica no mundo Oriental do *Malakut* e outro que fica no mundo visível. É o que está no mundo visível que sucederá o polo principal.

O quatro são os pilares da tenda cósmica (agora já sabemos que, quando falamos de cosmos, de céu, estamos falando exatamente também do conhecimento). Eles estão nos pontos cardeais do mundo. Eles colocam na balança o tempo cósmico e o tempo espiritual. Eles são ao mesmo tempo Serafiel, Michel, Gabriel e Azrael e Adão, Abraão, Jesus e Maomé.

O um é o pólo supremo, a primeira manifestação de deus, que é a primeira inteligência e a primeira essência do mundo espiritual. Após ele, há o três, que vimos, e que podem corresponder à natureza, à matéria prima e ao corpo, o espírito de um lado e a alma de outro. O quatro, são os pilares. Os cinco são mundo das inteligências angélicas, o mundo das almas celestes (*malakut*), o mundo visível,

o mundo imaginal, o mundo da imaginação absoluta e o Homem Perfeito. Os sete são os astros. Temos depois os quarenta princípios espirituais e podem ser vistos como quarenta dias em que a argila de adão descansou. Depois, temos o trezentos, que são os outros dias do ano.

Nessa balança, a Simorgue é a lua mística do ser humano e sua face encontra o sol e o cobre como um espelho.

Mas procurar a chave que toca essa imagem e a transforma...

Quando Deus soprou a pura vida no corpo de Adão, que não era mais que terra e água, não quis que os anjos tivessem conhecimento desse segredo e sequer o suspeitassem. Ele disse então: 'Prosternai-vos agora diante de Adão, ó espíritos celestes!' Todos inclinaram então a cabeça sobre a face da terra, e nenhum deles pôde ver o segredo que Deus desejou esconder. Porém, Íblis disse

Isso quem nos ensina é o sufismo ismaelita. O sétimo Iman se escondeu e o pensamento teve de segui-lo no invisível.

Os sete também são os planetas e os doze são os signos. Pensar em imagens.

A Linguagem dos Pássaros. Em Palavras alegóricas.

para si mesmo: Ninguém me verá dobrar os joelhos neste momento. ainda que me cortassem a cabeça, isto não seria para mim uma aflição maior que a que resultaria desta ação se eu a fizesse. Já que sei que Adão não é somente terra, não importa que eu baixe ou não a cabeça para não ver esse segredo, não há pois perigo em não inclinar-me. Assim, como Íblis não baixou a cabeça, pôde ver o segredo que espreitava. (...)

Coloco em teu pescoço o colar da maldição e dou-te o nome de mentiroso, a fim de que desconfiem de ti até o Dia da Ressurreição. (...)

Isso tudo que eu escrevo também é. Tudo anseia por sentido. Podemos olhar para isso de lá e de cá. Aquilo que eu escrevo só eu posso escrever. Por isso, devo escrever.

Não falo de conceitos. Se eu não fosse tão bruto, talvez pudessem simplesmente aludir, de ma-

neira delicada, para que isso que digo não parecesse um sistema de conceitos. Vamos fingir que escrevi isso e que agora bate um vento e voam as vogais. O que sobrou é essa sugestão sutil do invisível. E pode também ser apenas um monte de letras.

Por que nos interessa tanto olhar e corresponder os conhecimentos? Fazendo isso, banha-se na Fonte da Vida. Aquele que se banhar nessa fonte terá sua malha transformada em algo mais sutil, que não sentirá a espada da morte.

a fonte estava na praça da cidade havia séculos, mas só os pombos conheciam o seu segredo.

É preciso caminhar entre os mundos. Sem transbordar pra lugar algum. Não preciso me preocupar: tudo é. O que conto pode ser o que eu quiser. Por isso não posso deixar de querer; posso fingí-lo, mas é apenas te enganar.

Ao mesmo tempo os textos e as idéias e as imagens e o que vejo, tudo está tensionado, puxado por todas as interpretações. Tudo está disperso e só existe agora. E não vou te contar até o óbvio. Até nós somos todas as imagens possíveis, por isso imagens não servem para explicar nada. Às vezes quero falar das coisas sem imagens, mas orquestro imagens (quero que sejam simples). No final, vê quem quiser ver. Prometo não querer te educar. Quero ter contato com algo que possa me surpreender e na minha alma (digo assim) algo há. Às vezes não tenho vontade de escrever o que sei. Não saberei resumir as verdades, procurando nos textos os segredos para depois contar com placidez. Cada história é uma paisagem de imagens.

V

o que é ontem é hoje. só posso ver aquilo que foi com aquilo que sou. tenho a sensação de que tudo o que eu disser encontrará morada e que também pode ser destruído por aquilo que você disser. não é possível que você seja a mim. e as coisas se desdobram nas outras. aceno com sim ao que dizem: tudo é. e o mistério está feliz porque há essa sinfonia de coisas onde todas são inteiras. tenho a sensação de que o que preciso dizer é isso: não repetir ou resumir, mas orquestrar os monstros das coisas ditas. haverá um som que será o som exato das coisas que são. minha agonia se desfaz e não me preocupo com aquilo que está oculto: tudo está em tudo. dessa forma o que digo pacifica a guerra das coisas, a guerra onde triunfará a mais forte. estão em paz, mas não estão paradas: o que digo é que não importa como estejam, nem o que são, as coisas são tudo o que somos nós que somos tudo. o que há só será se formos nós. para falar das coisas é preciso falar de tudo e de mim. posso falar como eu quiser: estou em tudo o que digo e tudo está em tudo.



AD-DIN, Abu Bakr Siraj. *El Libro de La Certeza*. Madrid: Sophia Perennis.

Arte Islâmica. Firenze: Scala Group S.p.A: 2009.

ATTAR, Farid ud-Din. *A Linguagem dos Pássaros*. São Paulo: Attar, 1991.

ALMEIDA, Milton José de. *O Teatro da Memória de Giulio Camillo*. Cotia: Ateliê Editorial:Campinas:Editora da Unicamp, 2005.

CATTABIANI, Alfredo. *Planetario. Simboli, miti e misteri di astri, pianiti e costellazioni*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A, 1998.

CATTABIANI, Alfredo. *Volario. Simboli, miti e misteri degli esseri alati: uccelli, insetti e creature fantastiche*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A, 1998.

CHEBEL, Malek. *Dictionnaire des Symboles Musulmans*. Paris: Éditions Albin Michel, 1995.

CORBIN, Henry. *Inside Iranian Islam*. Trad. Hugo M. Van Wierkom.

CORBIN, Henry. *La scienza della bilancia e le corrispondenze fra i mondi nella gnosi islamica*. Milano: SE SRL, 2009.

CORBIN, Henry. *L'uomo di luce nel sufismo iraniano*. Roma: Edizioni Mediterranee, 1988.

CORBIN, Henry. *Cuerpo espiritual y Tierra celeste*. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.

FERDOWSI, Abolqasem. *Shahnameh. The persian book of kings*. Trad. Dick Davis. Washington: Mage Publishers, 2006.

FIORILLO, Marilia. *O Deus Exilado. Breve história de uma heresia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

SHIRAZ, Saadi de. *Gulistan*. O

Jardim das Rosas. Trad. Omar Ali-Shah. São Paulo: Attar, 2000.

SOHRAVARDI, Sihaboddin Yahna. *El encuentro con el ángel*. Madrid: Editorial Trotta, 2002.

WELCH, Stuart Cary. *Persian Painting*. George Braziller. Nova Iorque: 1996.

Sites

ShahnamehDigitalIndexProject
<http://shahnama.caret.cam.ac.uk/new/jnama/page>
Acessado em 3 de Março de 2011.

TRADUÇÃO A PARTIR DO TEXTO DE DICK DAVIS. CAPA E DIAGRAMAÇÃO POR JOÃO
FRANCISCO DIEL. IMAGENS DO MIOLO POR WELCH. COMPOSTO EM *PERPETUA*.
IMPRESSO EM CAMPINAS, AGOSTO DE 2011.